



CLARISSE SANTOS FAÇANHA

**A TELEVISÃO COMO VEÍCULO EDUCATIVO
PARA CRIANÇAS DE 0 A 4 ANOS**

Brasília
2005



CLARISSE SANTOS FAÇANHA

**A TELEVISÃO COMO VEÍCULO EDUCATIVO
PARA CRIANÇAS DE 0 A 4 ANOS**

Monografia apresentada para conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Professor orientador: Fernando Braga, MsD.

Brasília
2005

CLARISSE SANTOS FAÇANHA

**A TELEVISÃO COMO VEÍCULO EDUCATIVO
PARA CRIANÇAS DE 0 A 4 ANOS**

Monografia apresentada aos professores do curso de Comunicação Social, habilitação em jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, para obter o título de Bacharel em Comunicações Sociais em Jornalismo.

Brasília, Junho de 2005

Banca Examinadora:

Prof°. Orientador: Fernando Braga, MsD

Prof°. Floriano Filho

Prof°. Mauro Castro

Dedicatória

Este trabalho é dedicado aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e me incentivando em cada etapa da minha vida. Às minhas amigas, que me ajudaram, cada uma de seu modo, a formar a pessoa que sou hoje e a superar os problemas da vida. A todas as crianças que me inspiraram. E à DEUS, meu grande pai, inspiração da minha fé, força e autoconfiança.

Agradecimentos

Agradeço a todos os profissionais de comunicação que passaram pela minha vida e me ajudaram a me preparar para ser um bom profissional, em especial minha amiga e jornalista Ana Cristina Padilha. Ao meu orientador, Fernando Braga, que entre tantos papos descontraídos fez essa etapa parecer não ser tão difícil. E a psicóloga, e também amiga, Patrícia Santana, pelo auxílio dado nesta monografia.

Sumário

1- Introdução 1

2- História da Televisão Brasileira 3

3- As TVs educativas no Brasil 10

4- Um fenômeno entre as mídias: a televisão e os outros meios de comunicação 13

5- Influências sócio-culturais da televisão na sociedade 17

6- Influências sócio-culturais da televisão nas crianças 23

7- Processos de aprendizagem e desenvolvimento das percepções nas crianças de 0 a 4 anos 29

8- Conclusão 36

9- Referências Bibliográficas 38

10- Anexos

Resumo

Vivemos numa sociedade em que a tecnologia, a cada dia, tem se tornado mais importante em nossas vidas diárias, principalmente entre os habitantes das zonas urbanas. As novas gerações crescem se adaptando aos novos recursos tecnológicos, principalmente os audiovisuais, muitas vezes tendo a própria educação e composição de valores formados por eles. As crianças desde bem novas já começam a passar horas, diariamente, defronte à TV. E esse veículo tem grande influência sobre seus telespectadores, em especial, aqueles que estão em período de formação.

É entre 0 e 4 anos que vários aspectos da personalidade e do caráter são construídos. É quando também os primeiros medos, desafios e sucessos são experimentados. Um mundo novo é descoberto a cada dia. E a televisão tem tido grande importância nestas novas descobertas. Que podem ser transmitidas de maneira educativa ou não, acarretando em traumas ou crescimentos às crianças. Pois “se é verdade que a televisão não objetiva ensinar, é também verdade que as crianças aprendem com ela” (Baccega, 2000: pág.10).

1- Introdução

Com o passar dos anos e a evolução das tecnologias, cada vez mais as novas gerações da sociedade, principalmente os habitantes das zonas urbanas, estão mais envolvidos e adaptados aos novos recursos da modernidade, em especial, aos meios de comunicação.

Internet, jogos eletrônicos, DVD, TV a cabo. São todas tecnologias conhecidas e até mesmo usadas diariamente pelas crianças de classe sócio-econômica que têm acesso a elas. Mas a televisão ainda é a que merece mais atenção. Além de ser o meio de comunicação mais popular no Brasil, segundo dados da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas, UNESCO, as crianças brasileiras assistem em média a 3,9 horas de TV por dia. E é possível ainda estimar que brasileiros com até 14 anos passam 28 horas semanais defronte a televisão, enquanto permanecem apenas 23 horas na escola.

Mas o que as atrai tanto? Por que essa fixação por esse aparelho desde tão novos? E que influência tem e terá futuramente nessas crianças que crescem assistindo a televisão? E quanto à educação? A TV pode ser educativa? Será ela capaz de formar gerações mais conscientes dos problemas da atualidade? Ou simplesmente será que forma crianças mais espertas ou será que as “emburrece”?

São muitas as questões a serem descobertas e entendidas. Mas que na nossa compreensão são fundamentais já que hoje as crianças brasileiras, e também de muitas outras nações do mundo, passam mais tempo com a TV do que em sala de aula. Acreditam mais no que vêem na telinha do que aprendem com os pais e estão muito mais suscetíveis a qualquer informação que vier dela.

Mas todas essas dúvidas começaram a surgir num momento prático: ao observar o fascínio que as crianças, desde bem novas, têm pela televisão, especialmente com programas destinados a elas. Era impressionante ver como amam determinados programas e são capazes de se manterem por vários minutos atentas e concentradas na telinha, o que para seres humanos de 0 a 4 anos não deve ser algo muito fácil.

Não só as imagens as fascinam como as canções dos programas. São capazes de correrem à procura da TV só pelo som, cantam as músicas e aprendem

novos vocabulários com facilidade incrível. Conhecem as personagens pelos nomes e até pedem para assistir aos programas.

Porém, o que mais será assimilado pelas crianças além da linguagem e das imagens que vêm na televisão. Será que elas aprendem o que é ensinado pelas personagens? A linguagem da televisão é eficiente com crianças dessa idade, que muitas vezes ainda não sabem nem falar?

É isso que tentamos descobrir neste estudo. Será a televisão um veículo educativo para as crianças de 0 a 4 anos? É possível crianças nessa idade assimilarem os programas destinados a elas como informações positivas para a construção do caráter e da personalidade?

Desde o início do estudo a resposta esperada era afirmativa, vindo a ser confirmada no final do trabalho. Que as crianças, sempre atentas e com fome de aprendizado, iriam assimilar o que a TV passa muito mais do que os adultos acreditam. E que programas preocupados com a formação e conscientes da influência que possuem nestas gerações são muito úteis na formação dos pequeninos. São capazes de por meio deles aprenderem coisas práticas como contar, falar e cantar. E também noções comportamentais mais implícitas como emprestar objetos aos outros, como lidar com medos e desafios e até mesmo aprender hábitos e valores culturais.

Para obtermos as respostas deste estudo que nos propusemos a fazer, escolhemos como metodologia de pesquisa o uso de revisão bibliográfica. Logo, toda esta monografia foi feita baseada em estudos feitos por outros pesquisadores e educadores que também discursam sobre os diversos assuntos expostos nesta monografia.

O universo do ser humano é riquíssimo e o mundo infantil é o mais fascinante. Estudar sobre pessoas é algo fundamental para nos entendermos melhor e, principalmente, para qualquer comunicador que acredita no potencial dos meios de comunicação como sendo capazes de formar gerações mais felizes e conscientes dos problemas dos seus tempos. Acreditamos, por isso, que este estudo seja muito importante para mim e para quem mais acredita num mundo melhor. E se fizermos por onde, construído e formado também por nós, comunicadores apaixonados e conscientes sobre o nosso papel.

2- História da Televisão Brasileira

Para se aprofundar e fazer melhor análise sobre uma questão devemos conhecer todos os fatores que tenham influência sobre ela. E ao se falar da “Televisão como veículo educador para crianças de 0 a 4 anos”, conhecer a história da televisão, que é o instrumento e o canal pelo qual essa informação será transmitida, é de essencial importância.

A história da televisão brasileira começa oficialmente quando ela foi inaugurada no dia 18 de setembro de 1950, pelo jornalista Assis Chateaubriand, em estúdios da cidade de São Paulo. A primeira estação de TV do Brasil e da América do Sul foi a TV Tupi Difusora. Mas já em fevereiro de 1949, quando Chateaubriand adquiriu junto à empresa americana RC Victor cerca de trinta toneladas de equipamentos para montar a emissora, as estratégias de divulgação do novo empreendimento já tinham começado a ser tomadas.

Também proprietário dos Diários Associados, uma das principais redes de jornais do país, Chatô mandou, meses antes da inauguração da Tupi, que todos os jornais e revistas dos Associados passassem a divulgar que estava para chegar a televisão ou o “cinema em domicílio”, como procuravam explicar aos seus leitores o que era aquele novo símbolo de modernidade e entretenimento (Júnior in Mattos, 2002: pág. 19). Além disso, radioatores e técnicos também começaram a serem treinados para o novo veículo.

Juntamente com o advento da televisão na década de 50 ocorreu um dos principais períodos de crescimento industrial do país. Segundo Sodré (in Mattos: pág.24), durante essa fase se pode encontrar o surgimento de grandes projetos industriais. Foi nesse período também que se aumentou a migração das áreas rurais para as urbanas e o rádio transformou-se na mais importante fonte de informação da população nas grandes cidades, atingindo quase todos os estados da Federação.

Com um veículo tão forte e já tão bem estruturado com técnicos, atores e outros profissionais já especializados foi inevitável a influência do rádio na estruturação do formato dos programas televisivos. Ao contrário da televisão norte-americana que se desenvolveu apoiando-se na indústria cinematográfica.

Pouco tempo antes da inauguração da TV Tupi, o responsável pelas instalações dos equipamentos, o americano Walther Obermuller, descobriu que não

havia um único televisor em São Paulo para captar as imagens a serem transmitidas. Informado das preocupações do técnico e sabendo que nem o presidente da República seria capaz de agilizar os tramites legais para que os aparelhos fossem importados, Chateaubriand ordenou que 200 televisores fossem contrabandeados (Junior in Sérgio Mattos, 2002: pág. 80).

Desde o início as improvisações e o famoso “jeitinho brasileiro” fizeram parte da história da televisão brasileira. George Henry, um dos diretores da Tupi e maestro convidado a executar o “Cisne Branco” na transmissão da cerimônia de bênção e batismo dos estúdios, relata que uma confusão tomou conta da emissora no dia da estréia devido à queima de uma das três câmaras, provocando o atraso em noventa minutos do início das transmissões. Tudo estava preparado para ser transmitido com três câmaras e, por isso, o técnico americano Walther Obermuller quis cancelar a inauguração. Cassiano Gabus Mendes não concordou e decidiu colocar a emissora no ar com apenas duas câmaras, enquanto Obermuller, indignado, se retirou para o hotel, onde, incrédulo assistiu a uma transmissão correta do início ao fim.

Os primeiros anos da televisão, tanto na Tupi de São Paulo como na do Rio, foram marcados pela falta de recursos e de pessoal e pelas improvisações. Porém em fins de 1951, já existiam mais de sete mil televisores entre Rio e São Paulo (Junior in Mattos, 2002: pág.81).

Neste início, quase todos esses aparelhos pertenciam à elite econômica do país. O preço de um televisor era três vezes maior que o da mais sofisticada radiola da época e pouco menos que o valor de um carro (Mattos, 2002: pág. 81). Esse fator acabou limitando a difusão da televisão durante os anos cinqüenta, tanto no Rio como em São Paulo.

Mas apesar de todas as dificuldades, quatro meses depois da inauguração da TV Tupi São Paulo, Chateaubriand iniciou o novo empreendimento no Rio. No dia 20 de janeiro de 1951, foi inaugurada a TV Tupi Rio.

Nesse mesmo ano, iniciava-se no país a fabricação de televisores da marca Invictus, fato que veio facilitar o acompanhamento, ainda no mesmo ano, dos capítulos da primeira telenovela brasileira. Com o título de “Sua vida me pertence”, e escrita por Walter Foster, a novela foi transmitida no período de 21 de dezembro de 1951 a 15 de fevereiro de 1952, em dois capítulos semanais devido à falta de condições técnicas. O videoteipe só surgiu na década seguinte, e marcou decisivamente o desenvolvimento deste gênero de programa no Brasil.

Também em 1952, um dos mais famosos telejornais da televisão brasileira foi ao ar pela primeira vez, com o nome de seu patrocinador, a Esso. O “Repórter Esso” foi adaptado pela Tupi Rio de um rádio-jornal de grande sucesso transmitido pela United Press International (UPI), sob a responsabilidade de uma agência de publicidade que entregava o programa pronto. “A TV Tupi limitava-se a colocá-lo no ar. A agência usava muito mais material internacional, filmes importados da UPI e da CBS do que material nacional” (Nogueira in Mattos, 2002: pág. 86). Nesse mesmo ano, mais uma emissora é inaugurada em São Paulo, a TV Paulista.

Em 1953, a terceira emissora de televisão do Brasil inicia suas transmissões, a TV Record. A primeira a ser inaugurada em prédio construído especificamente para esse tipo de veículo. Em 1957, dez emissoras já estavam em operação no país.

Só em 1959 surge a TV Excelsior, sendo posteriormente considerada a primeira emissora a ser administrada dentro dos padrões empresariais de hoje. Ela foi responsável pela produção da primeira telenovela diária, e também a mais longa da história, “Redenção”, com 596 capítulos.

No início dos anos 60, a televisão recebe um grande impulso com a chegada do videoteipe. O uso do VT possibilitou o início da gravação de programas que poderiam ser transmitidos em vários dias da semana, com isso, criou-se o hábito de assistir televisão rotineiramente.

Em 1964 começa a fase populista da história da TV. O Golpe Militar afeta diretamente os meios de comunicação de massa. Surge um novo modelo econômico para o desenvolvimento nacional centrado na rápida industrialização, com tecnologia e capital externos. Os veículos de comunicação de massa, principalmente a televisão, passaram a exercer o papel de difusores da ideologia do regime e da produção de bens duráveis e não-duráveis.

No ano seguinte, outro fato marca a história desse veículo: a inauguração da TV Globo. Inicialmente, a rede teve respaldo financeiro e técnico do grupo americano Time-Life numa associação que permitia aos estrangeiros participação em 45% dos lucros. Porém, essa parceria não permaneceu por muitos anos devido à lei que proibia que grupos estrangeiros tivessem participação em empresas de radiofusão. Mas mesmo com o fim da parceria a Rede Globo continuou crescendo. A tática era a de direcionar a programação às camadas socioeconômicas mais baixas da população, política que foi adotada até 1973.

No ano de 1967, com o Ato Institucional nº4, novas normas são estabelecidas para o exercício de concessões de canais de rádio e televisão. Nele ficou determinado que pessoas jurídicas e estrangeiras não poderiam participar da sociedade ou dirigir empresas de radiodifusão, como ocorria com a Time-Life na Rede Globo. Ficou decretado também que cada entidade só poderia obter concessão ou permissão para executar serviços de televisão no país num máximo de dez emissoras em todo o território nacional.

Mas a televisão só se estabiliza oficialmente entre as comunidades de baixa renda no final da década de 60 devido ao aumento da escala de produção, o que barateou o produto. Para atender as novas audiências os conteúdos dos programas ficaram cada vez mais populares. Durante a segunda metade da década a programação das televisões estava basicamente assentada na tríade: novelas, “enlatados” e shows de auditórios.

Nessa época, quando dá-se o início da profissionalização da televisão, seguindo o modelo norte-americano, surge também o interesse dos governos, em especial os de Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, a respeito das programações televisivas. Ambos expressaram veemente desaprovação à violência e à falta de padrões culturais. Até o general Médici assumir a Presidência, o governo se limitava a alocar freqüências, conceder licenças e a exercer a censura de programas (Mattos, 2002: pág. 94).

Em conseqüência dessa desaprovação, a televisão brasileira avançou e melhorou suas técnicas e os padrões culturais, bem como iniciou um processo de nacionalização da programação. Um exemplo foi a quantidade de programas estrangeiros importados que foi reduzida, sendo substituídos por programas produzidos localmente. O que refletiu na consolidação do gênero da telenovela como programa de audiência nacional e no jornalismo que passa a ocupar mais espaço dentro da programação. Segundo Mattos (2002: pág. 108), em 1976, a TV Globo já produzia 75% de seus programas.

Em 1980 o crescimento da televisão brasileira pôde ser medido por meio do número de residências equipadas com televisores. O censo nacional realizado naquele ano constatou que 55% de um total de 26,4 milhões de residências já possuíam um aparelho de TV. O que equivale a um crescimento de 1272% entre 1960 e 1980.

Naquele mesmo ano, um novo fato marca a história da televisão brasileira. O governo resolve cassar a concessão de todos os canais da Rede Tupi, dos Diários Associados, em pagamento das dívidas do grupo com a Previdência Social. Com isso, os direitos daquelas concessões foram posteriormente divididos entre os grupos Sílvio Santos e Adolfo Bloch.

Em agosto de 1981, a rede de emissoras de televisão de Sílvio Santos, o SBT, iniciou suas transmissões. Em 1983, entra no ar a Rede Manchete. Essa fase se caracteriza também pelo fim da censura prévia aos noticiários e à programação da televisão que se iniciou em 1978 com a revogação do AI-5 pelo presidente Ernesto Geisel (Mattos, 1996: pág.13).

Em 1985 constata-se a existência de quatro redes comerciais operando em escala nacional (Bandeirantes, Manchete, Globo e SBT), duas regionais (Record, em São Paulo, e Brasil Sul, no Rio Grande do Sul) e uma rede estatal (TV Educativa).

Na década de 90, com a globalização, novas tendências começam a se estabelecer. Entre elas estão as TVs por assinatura, via cabo ou via satélite, estruturada nos moldes americanos, e o início da discussão sobre a TV de alta definição. Quanto a programação, surge o interesse na busca por programas interativos, a exemplo do “Você Decide”, da Rede Globo.

Formalizando a tendência das TVs por assinatura no Brasil, foi aprovada em janeiro de 1995 a Lei 8.977 que regulamenta o serviço de TV a cabo. Segundo Mattos (2002: pág. 127), essa lei surge como uma das mais democráticas e avançadas do mundo, abrindo perspectivas inéditas para o exercício da cidadania, além de gerar expansão de mercado para profissionais da área da comunicação social.

Com a ampliação do cenário da televisão no Brasil, todo o panorama do veículo começa a ser modificado. De acordo com informações da Anatel, em 1998 existiam em funcionamento no país 268 emissoras geradoras e 3.747 retransmissoras. Em julho de 2000, esses números cresceram para 286 geradoras e 8.484 retransmissoras. As grandes redes de televisão, formadas pela Rede Globo, SBT, Bandeirantes, Manchete, Record e CNT, atendiam mais de 97% da audiência total.

Sobre o conteúdo dos programas de televisão, em 1998, o Senado Federal fez publicar o “Relatório Rádio e TV no Brasil” recomendando, entre outras ações que regulamentam a qualidade das programações televisivas, a elaboração de uma

legislação específica para a TV infantil, nos moldes da americana, e que a oferta de programas educativos pelas emissoras seja um dos critérios para a renovação das concessões de canais.

Na busca de aumentar audiência, muitas emissoras estavam sendo questionadas por várias entidades da sociedade quanto a vulgarização dos programas. Questões como violência, sexo e violação dos direitos humanos eram freqüentemente explorados.

Paralelamente ao fenômeno da produção de programas popularescos e apelativos, ocorria o processo de expansão internacional, iniciado na fase anterior, e que só foi consolidado em 1999, com a criação da TV Globo Internacional. Canal em português que visava os brasileiros no exterior. Começa então, uma nova era para a televisão brasileira, na qual ainda estamos começando a colher frutos a espera de bons resultados, não só para os telespectadores brasileiros como para todos os profissionais que atuam na área.

No início do século XXI a televisão completou 50 anos de história no Brasil, um bom momento para analisarmos como foi e como é a TV atualmente no país. Totalmente diferente do que era, hoje são novos os paradigmas que fazem a história deste veículo. O número de emissoras e retransmissoras é infinitamente maior do que era há 50 anos e a quantidade de concessões não pára de crescer. Além do mercado de TVs por assinatura que se firma a cada dia como tendência do novo século contribuindo com a ampliação do mercado profissional e econômico que se beneficia com a ascensão da televisão. Apesar disso, a televisão brasileira ainda tem muito que aprender. Ao passo que a sociedade e os pensamentos críticos evoluem, os meios de comunicação tendem a necessitarem acompanhar essas evoluções. Não só tecnológicas e profissionais, como também sociais. Hoje os direitos humanos, da infância, das mulheres, dos portadores de necessidades especiais, dos negros, dos índios e de vários outros segmentos da sociedade se manifestam com veemência quando se trata da imagem e dos direitos deles que estão em jogo. Fato que não ocorria há tempos recentes e agora ocorrem.

Não muito tempo atrás, na década de oitenta, a grande vedete dos programas infantis, o *Xou da Xuxa*, destinado a crianças brasileiras de todas as classes sócio-culturais, além de ter seu nome escrito de maneira ortograficamente incorreta, expunha valores antiéticos, preconceituosos e, muitas vezes, incompatíveis com a realidade do público à quem se destinava. Como o café da manhã, apresentado no

programa diariamente, cheio de bolos e frutas importadas; Incompatíveis com a mesa da maioria dos brasileiros que, muitas vezes, se restringe ao pão com margarina. Erros, que atualmente, não seriam mais tão bem aceitos entre os críticos brasileiros, educadores e pais. Mas mesmo dessa maneira o programa ficou no ar por vários anos formando uma geração. Cheios de valores e exposições politicamente incorretos e preconceituosos.

Mas a questão é que não só o programa da Xuxa como vários outros permaneceram por muito tempo errando quanto à transmissão de valores sócio-educativos. Acredito que não propositalmente, e sim, por não haver preparo prévio sobre essas questões, tanto dos produtores de programas infantis, como de críticos, pais e educadores. Coisa que só aconteceu anos depois e hoje é bem menos freqüente. Naquele tempo havia esses erros, hoje existem outros, e amanhã, creio eu, que existirão novos. Cada tempo com seus desafios.

Outra questão que se inverteu durante esses 50 anos foi acessibilidade ao veículo. Quando chegou ao Brasil, a televisão era um símbolo de modernidade destinado às camadas sócio-econômicas mais altas da sociedade. Atualmente, a maioria dos brasileiros que habitam as zonas urbanas tem acesso à televisão e a influência que ela exerce sobre essa população é um dos paradigmas que cercam o veículo neste século. Como é essa influência, de que maneira ela se dá em segmentos diferentes da sociedade e que benefícios educacionais a sociedade brasileira pode tirar deste veículo de comunicação são questões que tentaremos descobrir nos próximos capítulos.

3- As TVs educativas no Brasil

As televisões educativas foram implantadas no Brasil sem obedecer a um planejamento que decorresse de uma política setorial do governo. Algumas emissoras tiveram como raiz de sua criação razões de ordem política, individuais e poucas foram as que surgiram com objetivos explicitamente definidos.

A primeira emissora educativa a entrar no ar foi a TV Universitária de Pernambuco, em 1967. Dessa data a 1974 surgiram outras nove emissoras educativas cujas razões sociais eram as mais diversas, desde fundações privadas, públicas a universitárias. E não existia também um órgão governamental específico no qual a empresa deveria estar vinculada.

Por isso, em 1972, o Ministério da Educação e Cultura criou o Programa Nacional de Teleducação – PRONTEL com o objetivo de coordenar as atividades de teleducação no país.

Em 1979, a TVE do Rio, junto com emissoras do Norte e Nordeste, iniciaram uma gestão para a implantação de um Sistema Nacional que visava à integração das TVs Educativas do Brasil. A gestão cresceu e em parceria com o governo federal foi criado o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa- SINRED.

O objetivo principal do SINRED era o de permitir que todas as emissoras educativas veiculassem uma programação constituída por programas produzidos por todas as integrantes, diferentemente do que ocorria com as redes comerciais que se limitavam a retransmitir a programação das cabeças-de-rede localizadas, invariavelmente, no Rio de Janeiro e São Paulo.

Cabe observar que, nesse período, as emissoras priorizavam a veiculação de programas de caráter essencialmente educativo. Entre as experiências mais significativas podemos citar a TVE do Ceará, a TVE do Maranhão e a TVU do Rio Grande do Norte que veiculavam programas didáticos destinados ao ensino das séries do 1º Grau. E a TV Cultura de São Paulo que tornou-se pioneira na produção e veiculação de programas didáticos voltados para o Ensino Supletivo ao lançar, em 1969, o Curso de Madureza Ginásial (www.tvebrasil.com.br).

O SINRED cumpriu o seu papel de órgão aglutinador, mas o crescimento do sistema que, em 1989, já contava com 15 emissoras, fez surgir a necessidade da ampliação do raio de abrangência de seus sinais. A implantação de estações

retransmissoras simultâneas (emissoras que retransmitiriam a programação de uma emissora geradora), que poderia ser uma solução, representava um custo muito elevado no qual essas emissoras não tinham como arcar.

A solução para permitir a expansão do sinal educativo de TV, dada pelo governo, foi o de estabelecer parâmetros para que as retransmissoras de televisões educativas pudessem inserir, em nível local, programas de interesse comunitário, desde que essas inserções não ultrapassassem 15% da programação da geradora a qual a retransmissora estivesse vinculada. Dessa maneira, com a possibilidade de inserção de programação local, diversas entidades privadas, universidades e prefeituras cuidaram, com recursos próprios, da implantação de retransmissoras. Essas, conhecidas como retransmissoras mistas, passaram a autodenominar-se de TVs Comunitárias.

Somente em 1991, os Ministérios da Educação e Cultura (MEC) baixaram uma portaria que procurava disciplinar a concessão para a retransmissão em caráter misto. No entanto, a má utilização, a politização e o abuso na veiculação de comerciais fizeram com que, em 1998, a retransmissão mista fosse extinta, mas abrindo a possibilidade da transformação das retransmissoras mistas já existentes em geradoras.

Porém, a partir de 1993, as emissoras da Fundação Roquette Pinto, a TVE Rio e a Rádio MEC enfrentaram uma crise econômica que resultou no declínio de sua programação e numa diminuição significativa do apoio técnico e financeiro que prestavam às co-irmãs. Ao mesmo tempo, a TV Cultura de São Paulo passou a ter, também, acesso ao satélite, provocando imediata ruptura no frágil equilíbrio que sustentava o SINRED, pois sua programação, àquela época, era de qualidade indiscutivelmente superior.

Com isso, em 1994, o MEC tentou reformular o SINRED e criou o PROSINRED, um programa destinado a reequipar todas as emissoras educativas de rádio e de televisão, com recursos provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Em 1995, com a mudança de Governo, a Fundação Roquette Pinto, responsável pelo SINRED foi transferida do âmbito do MEC para a Secretaria de Estado de Comunicação do Governo (SECOM) e o SINRED foi desativado.

Em 1997, surge a Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais – ABEPEC , à qual a TVE do Rio de Janeiro só viria a aderir em 1998. Em julho de 1999, as emissoras integrantes da ABEPEC criaram a Rede Pública de Televisão – RPTV com o objetivo de estabelecer uma grade de programação comum e obrigatória para todas as emissoras associadas.

Esta programação não tem caráter estritamente educativo, como ocorria no início das transmissões dessas emissoras. A tendência atual é a da transmissão de programas jornalísticos, culturais e de entretenimento, todos tendo a educação como fio condutor. A veiculação de programas didáticos passou a ser feita, com sucesso, embora de forma limitada, em circuito fechado, como ocorre com a “TV Escola”, programação sob a responsabilidade do Ministério da Educação, gerada pela TVE do Rio de Janeiro. Atualmente, apenas a TV Ceará e a TVE do Maranhão continuam transmitindo os programas didáticos que atendem aos alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

Apesar de todos os problemas que passaram as TVs Educativas no Brasil, muitas delas ainda sobrevivem, talvez não mais com o mesmo caráter educativo, mas visando sempre a educação, a cultura e questões sociais e de cidadania. Um exemplo atual é Canal Futura, que existe desde 1997, surgido de uma iniciativa de treze empresas privadas e transmitido em circuito fechado. Outro exemplo é a Multirio, empresa da prefeitura do Rio de Janeiro, que produz material audiovisual para as escolas públicas da cidade. Dentre suas produções, apresentam programas de televisão, todos destinados a fins educativos e correspondentes à realidade das comunidades da cidade do Rio de Janeiro. São transmitidos, diariamente, todas as manhãs, pela Net Rio e pela Band Rio. Um grande exemplo de TV educativa, que mais do que auxiliar o sistema educacional com aulas e explicações, se adaptou à realidade das comunidades a quem se destina, pautando problemas não só educacionais mas também sociais e culturais.

4- Um fenômeno entre as mídias: a televisão e os outros meios de comunicação

Não é à toa que a TV é considerada um dos veículos de comunicação mais populares em todo mundo. É desse aparelho eletrônico que saem ilusões, fantasias, conhecimento, informações, diversão. Um mundo novo se abre a cada vez que ela é acessada. Um mundo onde não há limite entre o real e a ficção, ou entre o fantástico e o terrível, nem mesmo, entre o sonho e o pesadelo.

Esta é apenas uma das características que fazem a televisão ter se tornado um fenômeno entre os veículos de comunicação: a facilidade que seu telespectador tem de se desprender do mundo em que vive para ter acesso ao mundo que quiser. Característica bem própria do meio, mas não a única. A televisão é um aparelho que demanda o uso de mais de um sentido humano, a visão e a audição, e ainda pede o uso de diversos tipos de percepções. E são essas percepções e sentidos que fazem essa caixinha mágica ser tão especial e diferente em relação aos outros meios de comunicação.

Quanto ao uso desses sentidos, Távola diz que “a TV, agindo direta, eficaz e intensamente sobre os sentidos, mobiliza muito mais a sensibilidade do que a inteligência. Age sobre o que não está preso aos padrões racionais” (1984: pág. 11).

Quando o cidadão está imobilizado, sentado, com olhos e ouvidos ocupados, vendo e ouvindo imagens e sons numa alucinante sucessão (e cada uma com carga de tensão intrínseca), está ingerindo, através dos sentidos, uma forma de conhecer as coisas.

Para o autor, o processo de tomada de contato com a realidade vem por meio de mecanismos que, por mobilizarem mais os sentidos, diminuem a carga de esforço e atuação de outros elementos componentes do sistema neuropsíquico do indivíduo, principalmente a razão.

Outra característica peculiar da televisão é a exploração do recurso visual. A expressão: “o que os olhos não vêem, o coração não sente”, relatado no livro do Gênesis (in Ferrés, 1998: pág.89) já revelava o poder da imagem e até mesmo o uso dela como veículo para o pecado. Pois “a tentação é conceitual (...). Mas a isca é a visão: ‘a mulher viu que o fruto era bom de comer, agradável à vista’”. É a imagem como excitação do desejo, e o desejo como incitador de comportamentos. E essa é

uma das maneiras como a televisão encanta e envolve o seu espectador: despertando desejos conscientes ou inconscientes, por meio do poder da imagem.

Segundo Ferrés, o interesse do espectador pela televisão vem da capacidade dela de mobilizar os sentimentos mais íntimos do indivíduo, de implicá-lo emocionalmente na história, permitindo-lhe elaborar seus conflitos internos. É a imagem e sua capacidade de sedução aos desejos do indivíduo como elementos que o cativam.

Ao estabelecer uma comparação das características da TV com os outros veículos de comunicação, McLuhan se atenta à televisão como um veículo de comunicação frio, incapaz de causar mobilizações ativas, assim como outros meios fazem. “As redes de televisão acham ótimo que se travem discussões a 20 000 km de distância. O que não querem são dissensões reais no âmbito doméstico” (1964: pág. 347). Segundo ele, o jornal, por exemplo, vive mais do conflito de opiniões do que do envolvimento em profundidade com a situação. E quanto ao rádio, ele o considera o meio para as coisas frenéticas e politizadas, fervoroso a ponto de mobilizar populações.

E diz ainda que a TV, quando aquecida por dramatizações e pertinentes chamadas, seu desempenho decresce, porque passa a oferecer menos oportunidades à participação. Visto que o rádio, quando intensificado para tal fim, recebe melhor resposta. Ou seja, pelo fato dos telespectadores não interagirem entre si quando recebem uma informação, acabam por não se articularem, permanecendo passivos e aparentemente satisfeitos com o que vêem; Muitas vezes por estarem muito distantes do outro telespectador ou até mesmo daquela realidade.

Quanto a comparações da linguagem de cada veículo, Távola enfatiza a peculiaridade de cada mídia. “A TV fala TV, como rádio fala rádio, jornal fala jornal, e assim por diante. Cada meio de comunicação usa uma tecnologia que lhe é própria e peculiar. Essa tecnologia modela a forma de transmitir as mensagens” (1984: pág. 28). E no caso da televisão essa linguagem é audiovisual.

Suponha a imagem de uma mão colocando um disco para tocar. Daí por diante você ficaria vendo, na TV, o disco tocar, enquanto escutaria o som emitido. No rádio é assim e é simplesmente isso que se espera quando o ligamos: escutar algo que venha dele. Se somente isso ocorrer na TV, o telespectador logo iria se irritar e desligar o aparelho.

Ou seja, cada meio possui a forma de comunicação inerente à tecnologia que o constitui, logo, utiliza-se de uma fala peculiar para transmitir suas mensagens. Assim como português, o inglês, o rádio, o livro e o jornal têm uma gramática própria, a televisão tem a sua.

Todavia, Távola não deixa de defender a TV quando diz que:

“A televisão é sintética: contém o rádio, o cinema, formas de teatro, jornalismo. (...) Porém essa característica de meio síntese dá à televisão uma diferença dos demais meios: não é uma repetição dos outros veículos em conjunto. Ela contém os demais dentro de características próprias. A principal é a instantaneidade. A televisão é o único veículo de comunicação que pode relatar o real com menor número de mediadores enquanto ocorre” (1984: pág. 31).

Pois segundo ele, basta um operador de câmera filmar o ocorrido, e transmiti-la, para a informação chegar ao público, sem a necessidade de nenhuma narração, já que muitas vezes a imagem fala por si só.

E exemplifica: “o rádio que também é instantâneo, exige alguém relatando; há uma presença fortemente subjetiva. Igualmente o cinema pode relatar o real enquanto ocorre, porém esse real só será visto depois, porque o cinema passa por prévio processo laboratorial. Um jogo de futebol no momento em que ocorre ou um desfile de escola de samba são exemplos dessa plenitude do real que a televisão pode captar, e só ela” (1984: pág. 31). Já que o desfile das escolas de samba narrado pelo rádio não depende do fato; depende do relator e da fantasia do receptor.

Comparando o recurso da imagem, usado pela TV, com outros tipos de recursos, Ferrés considera que as imagens não produzem os mesmos efeitos sensoriais e mentais que as palavras. Para ele, as experiências sensoriais do telespectador são substancialmente diferentes que as do leitor. Este enfrenta um universo abstrato. O espectador de televisão enfrenta um universo concreto.

Já a relação do leitor com o livro, ou seja, do olho que lê com o olho que vê, é diferente. De acordo com Távola,

“O livro é uma construção que opera no leitor por meio da letra. Nele, constrói-se o personagem que se quer conforme a livre fantasia. O mesmo não ocorre com o meio visual que é, por definição, impositivo. Bloqueia a fantasia com sua concretude, materializando e corporificando o imaginário. Entre o olho que lê e fomenta o imaginário e o olho que vê o limite, medeia a profunda diferença entre as falas” (1984: pág. 29).

E ainda completa:

“o sortilégio da relação livro-leitor consiste no fato de este poder criar e recriar em sua imaginação o criado pelo escritor. A criação do autor continua e se prolonga no leitor: quanto maior este seja, maior, ainda, o escritor será. Na televisão, a imagem aprisiona as personagens segundo as concepções dos criadores dos programas” (1984: pág. 42).

Além disso, Távola levanta outro precedente a favor do livro em comparação à TV quando diz que as palavras também são sonoras. Na medida em que sua junção forme beleza, elas podem ser transportadas, também pelo ouvido, por meio de um emissor que domine a arte da fala.

Falar das características da TV como mídia e compará-la às outras é difícil ao ponto que cada uma possui peculiaridades que as fazem especiais. Porém, só pelo fato de a TV usar mais de um sentido humano já a faz um veículo diferente; pois, necessitará, para sua compreensão, de mais percepções do que os outros meios de comunicação. É por esse mesmo motivo, o fato de poder utilizar vários sentidos humanos, que a Internet hoje é um fenômeno entre as mídias. Sendo essa, ao nosso ver, a grande vantagem das mídias: a capacidade de interação com o público, conseqüência também do uso dos sentidos.

E mais do que a internet, a televisão parece estar interagindo ainda mais com seus telespectadores. Interage a cada momento que desperta desejos conscientes ou não, que estimula novos interesses e objetivos, que mexe com o subconsciente do indivíduo. A TV não interage somente com os sentidos humanos, mais do que isso, ao utilizar os recursos que lhe são peculiares, ela interage com o imaginário e com a consciência de cada pessoa que a assiste.

Talvez por isso que essa caixinha mágica seja um veículo tão importante em algumas sociedades, incluindo principalmente a brasileira. Pela sua capacidade de ser mais que um aparelho eletrodoméstico, e sim um veiculador de idéias, sentimentos e identidades.

5- Influências sócio-culturais da televisão na sociedade

“Uma velha lenda chinesa conta que um imperador pediu um dia ao primeiro pintor de sua corte que eliminasse a gigantesca cascata que tinha pintado numa parede do palácio, porque o ruído da água o impedia de dormir. Se se mede a palavra por sua densidade, mede-se a imagem por seu peso” (Ferres, 1996: pág. 41).

Esta magnífica parábola revela o poder mobilizador da imagem e sua capacidade de criar realidade e gerar ação e reação nas pessoas. É explorando a imagem e o poder que ela possui sobre os seres humanos, que a televisão conquistou o mundo e se tornou, mais do que um veículo de comunicação: uma instituição que exerce enorme influência sobre diversas sociedades, direta ou indiretamente. Formando opiniões, mobilizando grupos, educando, deseducando, mudando hábitos, disseminando culturas, ou simplesmente informando. No Brasil, por exemplo, essa dominação é ainda maior devido à baixa escolaridade da população em geral e o poder de influência que possui em algumas emissoras nacionais.

Após mais de meio século de existência da TV, já somos uma sociedade fruto dessa tecnologia, e independente de ter sido boa ou não em nossas vidas, já podemos ver que tipo de papel a TV teve e tem no dia-a-dia dos seus telespectadores e quais foram as principais influências. Pois, independente do que seus produtores objetivam ou mesmo pelo simples fato de não ter consciência do que esse veículo é capaz, a questão é que a televisão ensina e forma uma sociedade.

Um exemplo bem próximo da influência que a televisão tem em nosso país é o que ela representa hoje em nossa cultura. A TV tornou-se no Brasil, durante esses cinquenta anos de existência, espaço de reconhecimento da própria identidade nacional.

“É nos limites da televisão que o país se informa sobre si mesmo, situa-se dentro do mundo e se reconhece como unidade. Diante da tela, os brasileiros torcem unidos nos eventos esportivos, choram unidos nas tragédias, acham graça dos palhaços que aparecem. Divertem-se, emocionam-se. A vida privada brasileira se alimenta da mesma luz. É pela TV que as crianças ingressam no mundo do consumo. É por ela que os adolescentes aprendem a namorar, que as donas de casa descobrem como decorar a sala” (Bucci in Baccega, 2000: pág.58).

Segundo Baccega (2000, pág.58), foi a televisão que começou a fornecer ao brasileiro pela primeira vez sua auto-imagem, a partir da década de 70. “A TV apresentou um jeito próprio de ver o país e o mundo, de perceber as mazelas sociais (...). Desse modo, ela exerce enorme influência na nossa cultura, tendo se transformado no que, às vezes, é o único suporte de reconhecimento dos brasileiros”. E numa sociedade como a nossa, que pouco lê jornal ou tem acesso à literatura e a escola, essa percepção do mundo tem caráter ainda mais importante.

Considerando influências mais genéricas que a televisão pode ter na composição intelectual e social de uma sociedade que assiste à TV, Giovanni Sartori tem um pensamento pessimista quanto à mudança de hábitos de interpretação que a televisão produz. Sartori alega que as gerações que crescem com a televisão são mais visuais. Porém, para ele, essa mudança não é benéfica; já que quando se desloca o contexto da interpretação das palavras para a interpretação das imagens há toda uma perda de conhecimentos simbólicos pertencentes à sociedade que vive o indivíduo.

“Ao contrário das palavras, a imagem é pura e simples representação visual. (...) Para entender uma imagem é preciso somente vê-la. Enquanto a palavra é parte integrante e constitutiva de um universo simbólico, a imagem não é nada disso” (Sartori, 1997, pág. 22).

Para ele, o problema de fundo oriundo da televisão é que esta criou e continua criando um homem que não lê. O que pode acarretar além da perda de sistemas simbólicos riquíssimos que são as escritas, no entorpecimento mental de indivíduos com a formação de viciados em videogames.

E vai ainda mais adiante quando analisa os efeitos na criança que diminui a percepção da linguagem escrita em decorrência do desenvolvimento da linguagem visual.

“Tratar-se-á sempre de um indivíduo adulto que continua surdo, durante a vida, aos estímulos da leitura e do saber transmitidos pela cultura escrita. Os estímulos a que continua respondendo, quando adulto, são quase que exclusivamente audiovisuais. Aos trinta anos descobre ser um adulto empobrecido, educado só pelo lema ‘a cultura que saco!’, e, portanto, um adulto caracterizado pela atrofia cultural pelo resto da vida”, (Sartori, 1997, pág. 26).

Em contraposição, McLuhan acredita que é só uma questão de mudanças de percepções e na perda delas. “Antes da TV, o fato de Joãozinho não ler causava muita preocupação; depois da TV, Joãozinho passou a dispor de todo um novo conjunto de percepções” (McLuhan, 1970: pág. 168).

Muitos profissionais da área de comunicação, e principalmente produtores de TV, também não concordariam com Sartori quando ele diz que a televisão “cria um adulto caracterizado pela atrofia cultural”. Especialmente depois das televisões a cabo e a satélite, o acesso a informações vindas de todo o mundo, o conhecimento de outras culturas, povos e países, além da disseminação da pluralidade de idéias só têm aumentado. Fazendo as escolhas certas o telespectador tem a possibilidade de conhecer o mundo sem sair de casa. De aprender o respeito das diferenças entre os indivíduos, de manter-se informado instantaneamente e de saber o que pensa o mundo, estando ele em Hong Kong ou no interior do Ceará, basta que ele tenha uma parabólica. Atualmente, existem canais específicos em programações sobre viagens, culturas, ecologia, vida animal e vários outros temas de interesse cultural.

Um exemplo sócio-cultural positivo que Távola vê na TV, é que hoje ela é uma das responsáveis pela possibilidade de fixação do homem em sua cidade, sem o risco da asfixia cultural de antes.

“Sendo responsável, também, pela imediata assimilação dos principais vetores da organização social e política dos países. E, ainda, reflete a cultura de seu tempo, envolvendo o homem do interior na mesma teia de participação nas conquistas da sua geração, sem a necessidade de pagar o preço, essencialmente pesado, da vida tensa e poluída dos grandes centros” (Távola, 1984: pág. 56).

Já comportamentalmente falando, a criação de modelos e padrões também é uma das influências sócio-culturais da televisão na sociedade. “A televisão, enquanto oferta constante de modelos, reforça comportamentos mediante o sistema de criação de expectativas de que um tipo de conduta produzirá determinados resultados desejados” (Ferrés, 1998: pág.108). No caso do relato violento, por exemplo, o importante ideológica e eticamente não é tanto se há ou não violência, mas a visão que se dá dela, se ela é justificada, se é premiada ao ser associada ao herói ou se é castigada ao ser associada ao bandido, ou ainda, se é apresentada como inevitável ou como sendo algo normal.

Segundo Ferrés, de maneira inconsciente, o espectador vai interiorizando estes tipos de comportamento, associando uns com algumas conseqüências nefastas e outros com conseqüências benéficas. “E tudo isso não mediante argumentações racionais, mas mediante argumentações arbitrarias” (1998: pág. 108). Ou seja, as histórias são socializadas pelos telespectadores, criando uma espécie de mapa mental que assinala os caminhos adequados e os errados, banalizando ou penalizando certos tipos de comportamentos presentes em nossa sociedade. Isso pode ser verificado em numerosas investigações (Bandura in Ferrés: 1998, pág. 109) que demonstram que a modelagem acompanhada de recompensa é mais efetiva do que a que só pretende puramente estimular condutas similares às do modelo. Do mesmo modo, a observação de transgressões que não se castigam tendem a aumentar nos observadores o surgimento das condutas proibidas.

E não são só moldes comportamentais e estereótipos que a TV forma na sociedade. Modelos de beleza física também são comumente difundidos por esse veículo. Notícias de obsessões semelhantes às de Michael Jackson não são novidades.

“Em países da África jovens negras se juntam para aplicarem um creme para embranquecer a pele. Algumas destas jovens, ao saberem que esses cremes podiam ter efeitos secundários graves, garantiram que preferiam correr riscos de ter um câncer de pele do que manter sua pele negra” (Ferrés: 1998, pág. 131).

Uma amostra dramática dos efeitos que provoca o envolvimento emocional com os modelos de massa audiovisuais.

No Japão também, há notícias, desde a década de 90, de milhares de mulheres japonesas que operavam os olhos para se parecerem mais com as mulheres brancas. Uma forma de aceitação da cultura ocidental difundida e glamourizada pelos meios audiovisuais. No Brasil, a moda e os padrões de beleza também são afetados sensivelmente a cada mudança de novela, influenciando os padrões estéticos das mulheres brasileiras.

Outra questão quanto à influência social da televisão em nossa sociedade é sobre a liberdade de escolha, que fazemos desde a partir do nosso consciente até opções que nos são inconscientes.

Segundo Joan Ferrés,

“A influência da televisão não provém tanto de sua incidência sobre a

razão como de seu apelo à emotividade. (...) no sentido de que todos estes processos não são percebidos de maneira consciente pelo receptor. (...) pelo motivo que seja: por que foi mascarado ou camuflado pelo emissor, por que é captado desde uma atitude de grande excitação emotiva por parte do receptor, por desconhecimento dos códigos expressivos por parte do próprio telespectador ou porque as comunicações são indiretas e aceitas de uma maneira inadvertida” (Ferrés, 1996: pág. 14).

E de acordo com o autor o que isso resulta no indivíduo é na manipulação ou simples influência das escolhas cotidianas das pessoas. E ele é ainda mais pessimista quanto esse papel exercido pela TV quando diz que

“a liberdade humana não pode limitar-se à chamada liberdade de espontaneidade, liberdade física. Esta deve ir acompanhada da liberdade interna, da liberdade de escolhas, (...) e, seria medida pela capacidade de adotar crenças e comportamentos autônomos, independentes, baseados mais em convicções do que em imitações, doutrinação ou na emoção, em atitudes conscientes e autocríticas mais do que em atitudes inconscientes” (Ferrés, 1996: pág.15).

Pois para Ferrés a televisão joga com os desejos, temores, ambição e sentimentos de culpa dos cidadãos de acordo com a satisfação dos interesses de alguns.

Mas parece que essa idéia não é unânime entre todos os estudiosos do assunto. Baccega, por exemplo, diz que a TV não faz o que quer com o público. Ela apenas usa instrumentos próprios para ordenar em códigos unificadores o que esta disperso na sociedade.

“Ela não tem o poder de determinar o que cada pessoa vai fazer, assim como também não se pode falar da existência de um “cérebro maquiavélico”, que por trás de tudo, procura doutrinar a massa crítica. Na verdade, a televisão possui mecanismos que integram expectativas múltiplas e dispersas, desejos e insatisfações difusas, incorpora o novo e, em sua dinâmica, vai desenhando o contorno do conjunto”, (Baccega, 2000: pág. 60).

Logo, é verificável que as influências sócio-culturais da televisão podem ser infinitas. As citadas foram apenas algumas que são muito importantes na formação dos indivíduos quando ainda crianças, por esta ser uma fase em que as opiniões, percepções e até mesmo o caráter ainda estão sendo formados. Por isso, mesmo sendo influências gerais, que afetam a todos os telespectadores, elas podem se tornar ainda mais intensas quando se fala em um público infantil.

E óbvio que existem pontos positivos e negativos nessas influências, e muitas discordâncias e concordâncias quanto a cada tópico. Mas o elementar é que essas

influências sejam conhecidas e usadas pelos produtores de maneira correta, para que a televisão seja sempre um veículo de construção de algo positivo para a sociedade.

6- Influências sócio-culturais da televisão nas crianças

“Se é verdade que a televisão não objetiva ensinar, é também verdade que as crianças aprendem com ela” (Baccega, 2000: pág.10).

Esta frase retrata bem a importância quanto à questão dos estudos sobre o papel da televisão na vida das crianças. Principalmente quando se observa que a cada dia os meninos e meninas da nossa sociedade, principalmente das áreas urbanas, estão passando cada vez mais tempo diante de aparelhos televisores. “Segundo dados da Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO), de 1997, é possível dimensionar que brasileiros com até quatorze anos passam vinte oito horas semanais assistindo TV e vinte três horas semanais na escola” (Junior: 2002, pág 44). Estes dados já são suficientes para se compreender como a TV tem sido fundamental na formação das gerações atuais, e a tendência é que essa realidade permaneça ao passo que esse veículo tem se tornado cada vez mais popular.

Segundo Baccega (2000, pág.63),

“A chegada e divulgação da televisão a todas as classes sociais provocou mudanças visíveis no comportamento das crianças. Elas passam mais de três horas diárias diante da TV, dormem mais tarde, lêem pouco e pouco vão ao cinema. Modificou-se totalmente o modo como as crianças passam seu tempo livre. (...) Mas também é verdade que, ao ver TV, um outro mundo, ampliado, se descortina para elas”.

Para a autora existem quatro fatores que contribuem para determinar o modo que as crianças usam a televisão: sexo, idade, capacidade intelectual e normas sociais. Em geral, as meninas preferem programas desenvolvidos em torno do amor ou comédias de costume, que tratam da vida familiar; já os meninos, programas de aventura e de grandes emoções. Os de maior capacidade intelectual procurarão outros meios, além da televisão, que lhes proporcionem parte das informações de que necessitam. Ou seja, as normas das classes sociais e culturais mostram-se bastidores importantes na busca da fantasia e da diversão pela televisão.

Baccega enfatiza ainda mais a questão das normas sociais e culturais da sociedade como influenciadores do uso da televisão na vida das crianças. A autora afirma que a televisão não só determina o comportamento das crianças a partir das escolhas que elas fazem. Existem muitas outras mediações interferindo na leitura/

interpretação que elas fazem de cada programa: além da família, as instituições religiosas, o grupo de amigos, a escola etc. Portanto, a televisão não teria o poder avassalador de, sozinha, ser responsável por toda interpretação que os pequenos telespectadores têm do que assistem. Essa responsabilidade, do que cada programa resulta nas cabecinhas infantis, também é de toda sociedade.

Completando, Távola (1984: pág. 62) concorda que realmente pessoas desavisadas consideram os efeitos dos meios de comunicação onipotentes e poderosos em excesso. “Poderosos sim, porém não onipotentes! Nenhum meio de comunicação, do livro à TV, é suficiente para alterar o que é básico e fundamental na consciência e convicção de cada pessoa”. E ainda acrescenta: “O seu efeito é, ao contrário, cumulativo, gradual, devendo dirigir-se sempre para a abertura de consciências e jamais para o convencimento de verdades unilaterais e definitivas”.

Mas é inegável também que,

“Por outro lado, a televisão rompe a separação entre o mundo adulto e o mundo infantil. Numa sociedade permeada apenas pelo código escrito, pelos livros, a divisão entre esses mundos era mais fácil. Os livros para adultos, em geral, trazem um vocabulário mais sofisticado, ao qual a criança não tem pleno acesso” (Baccega, 2000: pág.64).

Ou seja, a partir da televisão as crianças passaram a perceber os adultos tal qual eles são: muitas vezes incoerentes, às vezes violentos, capazes de embebedar-se, de maltratar uns aos outros etc. E um dos efeitos disso, pode ser a perda de autoridade dos adultos sobre os filhos; sobretudo a paterna, baseada nas figuras construídas, plenas de virtude. E esse abalo na estrutura familiar, acaba, quase sempre, repercutindo como sendo culpa da televisão, e não no simples conhecimento das crianças do mundo real adulto, sem máscaras.

Arthur da Távola já possui outro ponto de vista quanto à interferência da TV na perda de autoridade dos pais. Para ele, essa mudança no relacionamento entre adultos e crianças, não só entre pais e filhos, é consequência sim dos meios de comunicação, mas não como sendo algo onipotente ou planejado.

Segundo o autor, depois da expansão do rádio, do disco e da TV, pessoas de idades e culturas diferentes passaram a viver as mesmas experiências. E o resultado dessa com/ vivência tem sido um dos maiores desafios do nosso tempo: um mundo no qual as pessoas de idades e níveis culturais diferentes vivem eventos idênticos pela primeira vez.

E como consequência, esse processo acabaria por levar gerações a absorver e digerir uma carga de informações muito maior à carga das gerações mais velhas, o que rompe a autoridade (reinante no passado) dessas mesmas gerações. Resultando no desrespeito da autoridade e da hierarquia do conhecimento e saber.

Para o autor, antes dos meios eletrônicos, crianças de idades diferentes conviviam apenas com idéias, fatos, brinquedos e conceitos compatíveis com a fase de desenvolvimento de cada uma. “Após o rádio, e principalmente a TV, dá-se, então, o fenômeno de concomitância de experiências” (.....). E o resultado é o atropelo da capacidade de segmentar experiências passo a passo como acontecia na cultura pré-eletrônica.

Távola ainda exemplifica:

“três garotos de idades diferentes vendo a Copa do Mundo, via TV, pela primeira vez. Os três, idades e fases diferentes, vivem os mesmos efeitos e consequências daquela potente informação. São levados a elaborar os mesmos conceitos (impedimento, juiz ladrão, toque de bola, tática etc). Incorporando tais conceitos para pertencerem ao grupo social e familiar, igualmente motivado pelo evento trazido pela televisão, o que gera uma conclusão: perante a informação nova, via TV, a humanidade inteira é sem idade. Toda ela, toma contato, pela primeira vez, com alguma coisa” (1984: pág. 61).

Já em relação à influência da televisão na questão educacional, um problema visto pode ser quanto a provocação de alterações no ritmo de aprendizagem das crianças. De acordo com Baccega (2000: pág. 70), “as situações de sala de aula são mais aborrecedoras quando confrontadas com a linguagem da TV, que trabalha na base da narrativa, proporcionando estimulações permanentes nas crianças”, e quando isso não ocorre em sala de aula, leva o aluno a desinteressar-se pela escola, considerando muito “pobres” as linguagens que ela oferece.

Além disso, a autora defende que o desinteresse também tem suas raízes na postura estereotipada, que é veiculada pela televisão, no que se refere às relações sociais. Pois muitas vezes, ao chegar à escola, o aluno já aprendeu com a TV padrões de comportamento que não correspondem à realidade do processo de ensino formal. Outras vezes o que a TV ensina difere do que o professor ensina, trazendo confusão aos alunos, que acabam por optar por aquilo que foi veiculado pela linguagem mais agradável: a da TV.

E uma consequência disto, vista por Ferrés, é que muitas vezes a TV é responsável, nas crianças, pela primeira informação sobre realidades, pessoas,

instituições e valores. Que, sem muitas referências, as juntam com as informações adquiridas nas experiências vividas anteriormente para a formação do primeiro esquema mental que é fundamental na interpretação que fará posteriormente da realidade. “É significativo o exemplo do caso daquele aluno que, numa classe de religião, acusou de falso um parágrafo da Bíblia. Ele havia visto num filme e as coisas tinham acontecido de maneira diferente” (Ferrés, 1998: pág. 33).

Quanto à formação, oferecer estímulos à verbalização também pode ser visto como uma outra maneira de a TV exercer papel na vida infantil. Segundo Rezende (1998: pág. 81), as programações televisivas podem encorajar as crianças a relatar episódios de programas, notícias que mais chamaram atenção ou um novo comercial. “Podem interpretá-los em suas brincadeiras, exercitar oportunidades sociais de observação de similitudes e diferenças e verbalizar o que assistiram na TV, fazendo pontes com a vida cotidiana deles”.

Outro estímulo positivo da “telinha mágica” na formação educacional das crianças é a capacidade dela motivar o conhecimento, exercitar a curiosidade e incentivar o desejo de saber e pesquisar. Segundo Távola (1984: pág. 193), “a TV funciona como motivação ao conhecimento, seja da ciência, seja da vida, seja do ser humano ou animal”.

Para o autor, sempre que os programas despertem essa taxa de curiosidade, eles são úteis.

“O que importa para fins educacionais, é a variada gama de resultados possíveis que são estimulados numa comunicação. A atenção é apenas um deles. Motivação, convencimento, persuasão e aprendizagem são outros possíveis. Só pesquisando a fundo poderemos medi-los devidamente. Pois, enfim, nem toda emissão atinge todos os níveis de recepção” (Távola, 1984: pág. 193).

E esses estímulos acontecem, pois segundo Távola, as crianças possuem, previamente, disposição para o aprendizado: decoram *jingles*, dançam, gravam frases. Tudo provocado pela mídia eletrônica em função do fascínio que possuem sobre as crianças e pela utilização de elementos como a música, desenhos animados, programas com animais, variedade de cores, movimentação intensa de figuras etc.

Para Távola, esses elementos têm correspondência com as necessidades das crianças, principalmente da fase pré-escolar. O que as faz se fixarem muito mais

no que elas vêm na TV despertando-as para o conhecimento e desejos de saber o como e o porquê as coisas acontecem.

Mas não só influências positivas a televisão traz para a vida dos pequenos telespectadores. Grunauer (in Netto, 2001: pág.116), em 1990, ao pesquisar sobre a influência da TV em crianças em idade pré-escolar, a partir de informações dos pais de 80 alunos pesquisados, constatou que todos assistem à televisão habitualmente e em mais de um período por dia. Que poucos pais controlam a escolha de programas pelas crianças. Estas pedem aos pais que comprem produtos anunciados pela televisão, principalmente brinquedos e alimentos. Acompanham telenovelas, e mais da metade imita o que vêm nas brincadeiras com amigos e colegas. E o fato mais negativo que pode ser observado na pesquisa, é que muitos costumam manifestar reações emocionais e comportamentos agressivos ou violentos após verem programas que exibem esses comportamentos.

Enfatizando esse dado, Moise e Huesmann (in Netto, 2001: pág.118) relatam que segundo pesquisas feitas com meninos e meninas, num intervalo de 15 anos, puderam concluir que “ver violência na TV pode levar ao desenvolvimento da agressão (...). Essa relação é exacerbada pela identificação com personagens agressivas”. Acrescentando informações a esse relato, Netto diz que (pág.118) nas literaturas psicológica e médica dos últimos anos tem sido relatada a ocorrência, em crianças, de casos de transtorno de estresse pós-traumático, normalmente experimentado por pessoas que presenciam agressões violentas; eventos envolvendo mortes, ou situações assustadoras, causado por programas de televisão assistidos por crianças.

Influências sócio-culturais positivas e negativas com certeza existem várias. O que se pode constatar, depois de analisar algumas delas, é que a televisão na vida das crianças não pode ser considerada nem como algo que exerce papel totalmente bom, nem totalmente mal. Como vários tipos de influência, a TV não é onipotente. Não sabe ao certo como cada tipo de programa será assimilado ou interpretado na cabeça de cada indivíduo. Mas não deixa de ter sua responsabilidade quando falamos de indivíduos em formação, como as crianças, em que cada nova experiência vivenciada tem um peso diferente. O que existe realmente, são programas e programas. Produtores e produtores. Com vários tipos de intenção. A questão é que falar sobre influências, crianças e televisão, é falar sobre um leque de possibilidades infinitas.

E válido lembrar também que, apesar do tema central ser a *televisão como veículo educativo*, não se pretendeu focar as qualidades educativas ou “deseducativas” da TV. E sim, que independente dela educar, ela forma e influencia muito as crianças das sociedades que a usam. E quais são algumas dessas influências e como elas podem ser redirecionadas ou potencializadas é o que julgamos ser mais importante neste caso, porém, é algo ainda a ser concluído.

7- Processos de aprendizagem e desenvolvimento das percepções nas crianças de 0 a 4 anos

É nessa fase que se inicia todo processo de aprendizagem e assimilação do indivíduo. É quando o ser humano começa a ter noção de individualidade, do seu lugar no universo, a formar sua personalidade, caráter, a descobrir seus medos e frustrações, a exprimir anseios e conhecer potencialidades. Por isso, é, sem dúvida, uma época em que toda informação e aprendizado transmitidos ao bebê serão assimilados em cada indivíduo de maneira peculiar, positivamente ou não. E são essas primeiras formações que fundamentarão a personalidade de cada pessoa.

Nesse período, a cada dia, esses pequenos seres humanos evoluem de forma diferente. Fisiológica, psicologicamente ou das duas formas integradas. O exemplo em estudo, com crianças de 0 a 4 anos, tentamos nos atentar ao desenvolvimento psicológico, principalmente, ao que se refere à aprendizagem, assimilações e percepções e socialização. Não nos esquecendo que tudo influi de maneira associada.

Para começar é importante termos em mente que quando se fala em desenvolvimento infantil devemos assinalar que não é um processo retilíneo, constante, caracterizado por estágios que se sucedem. Ao contrário, ele significa um processo marcado muitas vezes por rupturas, retrocessos e crises. Segundo Carvalho (2002: pág.19), cada etapa do desenvolvimento apresenta, no mínimo, duas dimensões. Pelo lado da criança, cada momento é vivido com atualidade e experiência característica. Engatinhar, por exemplo, para os bebês, significa ver e explorar o mundo. Para os mais velhos, cada momento é também uma preparação para a vida adulta, o engatinhar, no ponto de vista adulto, é a preparação para o andar.

Mais especificamente, cada período da vida de um indivíduo, terá um nível diferente de desenvolvimento, iniciando na gestação. Após o nascimento da criança até os 24 meses, por exemplo, o indivíduo está na fase sensorio-motora. Esse é o período que representa a conquista, por meio da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca o bebê. Isto é, a formação dos esquemas sensoriais-motores irá permitir ao bebê a organização inicial dos estímulos ambientais, permitindo que, ao final do período, ele tenha condições de lidar,

embora de modo rudimentar, com a maioria das situações que lhe são apresentadas.

Piaget, um dos grandes mestres da Psicologia da Aprendizagem, faz uma observação curiosa quanto ao universo do bebê recém-nascido:

“No ponto de partida da evolução mental, não existe, certamente, nenhuma diferenciação entre o eu e o mundo exterior, isto é, as impressões vividas e percebidas não são relacionadas nem à consciência pessoal sentida como um ‘eu’, nem a objetos concebidos como exteriores, são simplesmente dados em um bloco indissociado, ou como que exposto sobre um mesmo plano, que não é nem interno nem externo, mas a meio caminho entre esses dois pólos. Estes só se oporão um a outro pouco a pouco” (in Rappaport, 1981: pág 66).

O autor diz ainda que são nos primeiros meses de vida que irá se formar a organização psicológica básica em todos os aspectos: perceptivo, motor, intelectual, afetivo e social. Do ponto de vista do autoconhecimento, o bebê irá explorar seu próprio corpo, conhecer os vários componentes, sentir emoções, estimular o ambiente social e ser por ele estimulado, e assim desenvolver a base do seu autoconceito.

Rappaport conta que ao se aproximar dos 24 meses a criança estará desenvolvendo ativamente a linguagem o que lhe dará possibilidades de, além de se utilizar da inteligência prática decorrente dos esquemas sensoriais-motores formados na fase anterior, iniciar a capacidade de representar uma coisa por outra, ou seja, formar esquemas simbólicos. Isto será conseguido tanto a partir do uso de um objeto como se fosse outro, ou de uma situação por outra.

É esta idade também que marca as conquistas infantis de autodomínio e socialização. Ou seja, será a fase em que a criança começará a se introduzir no universo em que vive. É importante destacar que o processo de desenvolvimento da criança ocorre numa rede de relações sociais; ou seja, dentro de um contexto em que a criança é colocada, a todo tempo, em contato com outras pessoas, sejam adultos, adolescentes ou até mesmo outras crianças. É imersa nessa rede que a criança vai fazendo sua inserção no mundo. A aquisição da linguagem, a aprendizagem de hábitos e costumes estão diretamente ligadas ao fato de a criança fazer parte desse universo maior das relações sociais.

Grande parte deste desenvolvimento se dá pela organização do indivíduo a partir do andar, caracterizada pela intensa explosão muscular e movimentação

infantil. Na organização psicomotora, as segmentações começam a se estabelecer. “Pode-se sentar sobre um caixote e balançar alternadamente suas pernas, divertindo-se com o movimento e o ruído” (Rappaport, vol.3, 2002: pág. 2).

O autor diz ainda que a criança pode sentir-se capaz de organizar seu corpo de modo a desempenhar as tarefas esperadas. Pode andar, falar e reter e expelir seus excrementos. “Cada realização, soa-lhe como uma vitória, e os fracassos não são bem compreendidos. Não entende porque é repreendida por se sujar. Possui apenas o sentimento de inadequação e não de ter feito coisas erradas” (1981: vol 3, pág.2).

O desenvolvimento da autonomia trará o desenvolvimento de comportamentos de oposição, exercitado para demonstrar os desejos e aquisições do infante. É quando ele pode manifestar a recusa e delicia-se em definir suas escolhas.

Quanto à socialização, essa também é a fase dos porquês, usados nem sempre como o pedido de entendimento. Muitas vezes, o porque é apenas uma tentativa de manter o adulto conversando com ela por mais algum tempo. Essa palavra se torna mágica por permitir um pouco mais de atenção. Mais vale um carinho e uma posição firme do que uma retórica explicativa, inútil para a compreensão infantil.

No brinquedo, teremos também a caracterização progressiva da passagem de um eu individual, que se organiza, para os níveis sócio-relacionais. Um exemplo disso é o brinquedo paralelo que a criança joga.

“Ela se interessa por ter outros da mesma idade consigo mas as outras são consideradas como se fossem objetos de brincar. Servem para ser empurradas e trombadas, servem de suporte para as atividades onde mais de um pode brincar. Só são realmente percebidas quando tomam o brinquedo do protagonista, mas assim mesmo a investida furiosa é mais destinada à recuperação do objeto do que a atingir o oponente” (Rappaport, 1981: pág. 3).

Desta maneira, podemos considerar um certo nível de socialização, à medida que o clima lúdico fica estimulado e novas variáveis prazerosas de inter-relação podem ser vivenciadas. Mas o outro ainda é objeto. “Não raras vezes, além de apalpado, o colega é lambido para ver que gosto tem”.

Num segundo momento, o jogo coletivo fica estabilizado. As crianças elegem atividades comuns. Se estão juntas em um parque, a primeira que se desloca para a

caixa de areia é seguida por todas. Neste período também os jogos dramáticos assumem importância. Caracterizam-se por jogar com uma imitação diferenciada. A criança imita o pai indo ao trabalho, imita a mãe varrendo a casa. O desempenho das tarefas e funções começa a ser vivenciado em um nível transacional. Estas relações são vividas inicialmente por meio das internalizações dos papéis parentais. Nesse momento, a definição sexual ainda não está estabelecida. As modalidades ativo-passivo já definem seus rudimentos, mas o masculino e o feminino não foram alcançados. Num jogo de casinha, usualmente o menino é o pai, mas também poderá ser a mãe, cedendo o lugar de pai à menina. Os papéis são experienciados, mas as definições só virão com as identificações defensivas da solução do complexo de Édipo, na fase seguinte.

Outra característica da relação que a criança estabelece com o mundo é o seu caráter de repetição. Ao brincar ou desenvolver uma atividade que lhe dá prazer, o sinal da sua satisfação é dizer de novo, imediatamente após o fim da atividade. Segundo Benjamim, é a repetição que permite à criança compreender o mundo, experimentar suas emoções, elaborar suas experiências.

“Se o adulto o faz através da linguagem, narrando o vivido, a criança tem como estratégia a repetição. Ela precisa ouvir sempre a mesma história, contada com as mesmas palavras, reviver os mesmos filmes, cantar as mesmas músicas e repetir jogos que lhe dão prazer, exaustivamente. Até que seu interesse se desloca, quando compreende e assimila aquela atividade, substituindo pela repetição de uma nova” (in Carvalho, 2002: pág. 24).

Essa, então, não deixa de ser uma forma de compreender e assimilar o novo. Pois por meio das repetições a criança ordena suas emoções, disciplinando seu mundo interno e lhe dando logicidade. Não é à toa que as crianças da atualidade, frutos da geração dos vídeos cassetes e DVDs, costumam reprisar os mesmos desenhos animados várias vezes no vídeo e adoram a famosa fala dos Teletubbies: “de novo, de novo”, pois era nessa hora que a mesma cena era reprisada, na seqüência, dentro do mesmo episódio, calhando com os anseios dos pequeninos para quem era destinado o programa.

É também neste período, vivenciado pelos seres humanos e conhecido como fase anal, que o ânus se torna o elemento central das atenções do indivíduo. Em termos mais práticos, podemos pensar a fase anal como a fase dos primeiros produtos. O andar é uma produção pessoal, como também é o falar. Mas os

produtos que realmente são entendidos como os primeiros objetos concretos e reais gerados pelas crianças são suas fezes e urina.

Como influência social isso implica, segundo Rappaport (1981: vol.3, pág.5) na internalização da receptividade de valores como “de que maneira o mundo receberá o que a criança é capaz de produzir”. E se este é o momento de estabilização dos primeiros produtos, é o momento em que estabelecemos as relações de adequação de tudo o que produzimos. De acordo com o autor, esta assimilação não só nos dará a perspectiva da produção artística, como a de qualquer produção em geral. Um trabalho realizado, uma invenção, um emprego conquistado, tudo é sentido como sendo nosso produto. O sentimento geral de adequação do que produzimos é o que nos dará liberdade e confiança para criar e produzir. Esse é um exemplo do desenvolvimento fisiológico que causa desenvolvimento psíquico na criança.

Outra questão importantíssima quanto à evolução da criança nos seus primeiros meses de vida é referente ao desenvolvimento da linguagem. Segundo Pocinho (1999: pág. 90), é a partir dos nove meses que se observa a capacidade de articular palavras, capacidade essa que surge obviamente da tendência de imitação tão peculiar à criança. Ela é capaz não só de pronunciar, como também de compreender palavras tais como mamã, papá, dada e ordens muito simples, como toma, dá-me. Contudo, deve ser constantemente estimulada à descoberta de novos termos, alargando, deste modo, o seu mini-dicionário.

Para a autora é inegável que a capacidade de linguagem da criança dependerá sempre, além das potencialidades individuais, da qualidade do meio onde se insere. Assim, fatores externos, como o sócio-econômico e o sociocultural, irão interferir na evolução lingüística da criança.

Após os dezoito meses a criança já estará no período lingüístico, embora tenha ainda poucas palavras à sua disposição. “Cada um dos termos pertencentes ao seu vocabulário constitui uma palavra-frase, que por si só, equivale a uma grande frase” (Pocinho, 1999: pág. 90). Por volta dos vinte e um meses, a criança é capaz de combinar palavras em grupos de dois ou três, dando origem a uma linguagem rudimentar. Surge, então, a primeira frase, constituída por apenas uma forma verbal na terceira pessoa do singular, associada a um substantivo, onde o sujeito, é na maior parte das vezes, a própria criança. De acordo com Pocinho, após os dois anos dá-se uma aceleração considerável neste processo de aquisição da linguagem e aos

três anos ela já emprega o pronome 'eu' o que demonstra a capacidade de se distinguir dos objetos e do seu interlocutor, concluindo a fase em que já conseguirá exprimir verbalmente a maior parte das situações concretas nas quais está envolvida.

Nos anos seguintes a criança intensifica mais o interesse pelo mundo objetivo que vê à sua volta: cor, forma, tamanho dos objetos e começa a reduzir os gestos, pois já não são cruciais para se fazer entender no mundo dos adultos.

Outra questão fundamental do desenvolvimento fisiológico que está integrado a evolução psicológica do bebê é a percepção do som. Pocinho cita (1999: pág. 105) que com oito semanas a criança reage a um som fraco próximo dela. Às doze semanas, volta a cabeça na direção de cada som que atrai sua atenção. Por volta das quatorze semanas, pode ouvir, voltar a cabeça e olhar para frente do som. Começa a ser capaz de reconhecer sons freqüentemente repetidos e a lembrar-se do que significam. Por volta dos cinco ou seis meses, os bebês já tendem a tentar imitar tudo o que ouvem, sobretudo se forem sons agudos. Aos doze meses, para localizar o som, a criança volta a cabeça para o lado, e em seguida corrigirá a sua direção para cima ou para baixo.

Após esse período, principalmente, quando os gostos e interesses já estiverem sendo demonstrados é ainda mais comum vê-las correndo atrás do som de algo que elas apreciem muito, como uma canção ou a voz de um personagem da TV.

As canções infantis ilustram o modo como a criança se aproxima da linguagem. "O acento é posto mais sobre a escolha dos sons das palavras que mais lhe dão prazer ou divertem, do que a história que as canções cantam ou que o sentido que as palavras têm" (Madarle in Pocinho; 1999: pág. 107).

As canções, para a autora, têm a vantagem de acalmar o bebê, mostrar-lhe que é amado. Nisto influirá o tom de voz, ao passo que o ritmo influi para sua quietude. As canções também permitem que o bebê aprenda os mecanismos e os sons da língua materna, o que lhe proporcionará maior facilidade de adquirir a língua.

Quanto ao mecanismo da visão, bebê já nasce com ele, porém, de forma não tão definida. Segundo Bellodi, com dois meses a criança já visualiza um objeto e o acompanha quando movimentado e já demonstra reconhecer o rosto da mãe. Ao

três meses eles já começam a enxergar em cores. E finalmente aos cinco meses os bebês já se reconhecem ao olharem-se ao espelho.

Sem dúvida é fascinante conhecer o desenvolvimento dos bebês humanos. E saber como a evolução fisiológica interfere e age integrada ao desenvolvimento psíquico. Cada sentido e percepção que vão sendo aprimorados, propiciam novas descobertas às crianças e bebês. Mas um grande interceptor desse desenvolvimento é sem dúvida o meio social em que está inserida a criança. Todos nós seres humanos somos sujeitos socioculturais. Somos frutos do meio em que vivemos e das trocas que fazemos não só com outras pessoas mas com livros, objetos, brinquedos e até com os meios audiovisuais que nos cercam. O desenvolvimento fisiológico vem naturalmente para todos os seres humanos sadios, porém, o que se pode ter certeza, é que o desenvolvimento psicológico e de aprendizagem dependerá de vários outros fatores que interagem a todo tempo com qualquer criança que viva em sociedade.

8- Conclusão

TV, educação e crianças, três temas elementares na sociedade atual. Mas falar sobre eles não é difícil, talvez complexo pela infinidade de doutrinas, experiências e opiniões que permeiam esses temas os deixando às vezes um pouco abstratos. E analisar os três de maneira integrada, “A televisão como veículo educativo para crianças de 0 a 4 anos” é se questionar sobre os rumos da nossa sociedade, como ela está sendo formada e o que será dela no futuro.

Mas neste momento, já não se trata mais de discutir se devemos ou não utilizar os meios de comunicação no processo educacional ou de procurar estratégias de educação para os meios. Trata-se de constatar que, educadores primeiro, são aqueles que estão construindo a cidadania, são aqueles que formam; e no mundo atual ninguém forma mais do que os meios de comunicação, principalmente a televisão.

E forma porque a cada dia as pessoas passam mais horas em frente à TV, especialmente as crianças que crescem cultivando esse hábito. Desde bem cedo, crianças urbanas que têm acesso à televisão, começam a despertar incrível fascínio por esse veículo. Correm ao ouvir o som dos seus programas preferidos, cantam as canções e aprendem o que lhes é ensinado.

Por estes fatos que são realidade na nossa sociedade que nos surgiu a questão sobre a viabilidade do uso da TV como veículo educativo para as crianças nos primeiros anos de vida, quando nós, seres humanos, estamos no auge da nossa formação e cada informação será assimilada de forma diferente, positiva ou não. Pois, que a televisão forma sociedades, independente dessa formação ser positiva ou não, isso é claro. Mas como é esse processo com indivíduos ainda na infância ou por que elas possuem esse fascínio por alguns programas destinados a elas é o que nos chama mais atenção. Será a televisão capaz de formar gerações mais conscientes dos problemas do seu tempo? Ou simplesmente será que forma crianças mais espertas? Ou ainda será a linguagem da televisão eficiente com crianças dessa idade, que muitas vezes ainda não sabem nem falar?

Nossa resposta para estes questionamentos é sim; e vem de encontro às minhas suposições iniciais. As crianças, como os adultos, são passíveis às influências da TV. Tanto as comportamentais e culturais como imitações de modelos

estéticos e de beleza, criação de estereótipos e construção da identidade própria e nacional. Como também influências que mudam as percepções do ser humano, como melhor assimilação das informações visuais e a preferência por outros meios que utilizem mais de um sentido humano.

E quando nos referimos a crianças de 0 a 4 anos, elas estão ainda mais dispostas a todo tipo de aprendizado, sendo ele bom ou ruim. Então, o que diferencia um bom programa de um ruim é a intenção das suas mensagens. Programas destinados a educar feito por profissionais que busquem conhecer o mundo infantil serão sempre positivos na construção da identidade, personalidade e educação dos pequenos telespectadores.

Neste estudo não foi nosso objetivo examinar o conteúdo dos programas infantis, nem avaliar a influência dos programas adultos ao da violência da TV na vida das crianças. Mas acreditamos que os programas atuais destinados a elas são muito mais conscientes do papel que possuem (ver anexos programas atuais de grande sucesso com crianças nessa faixa etária). Há alguns anos, não havia muitos produtores que se preocupavam com a mensagem que passavam, como o exemplo já citado, do *Xou da Xuxa*.

Logo, acredito que a TV pode ser usada como veículo educativo para crianças de 0 a 4 anos. Ajudando-as a serem educadas, conhecerem a cultura em que vivem e descobrirem novas outras, motivar o conhecimento e o saber, encontrar as respostas para seus medos e dúvidas, se socializarem e se conscientizarem sobre os problemas das suas gerações. Se bem feitas, os programas televisivos podem ser grandes aliados da escola e da família na construção de um indivíduo mais feliz e de uma sociedade melhor.

9- Referências Bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. *Televisão e escola: Uma mediação possível?* (Série Ponto Futuro). São Paulo-SP: Senac, 2003.

CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (orgs.). *Desenvolvimento e aprendizagem*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex- UFMG, 2002.

FERRÉS, Joan. *Televisão subliminar: Socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre-RS: Artmed, 1998.

FIÚZA, Silvia Regina de Almeida (org). *Dicionário da TV Globo* Vol. 1: Programas de dramaturgia e entretenimento/ Projeto Memórias das organizações Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

JÚNIOR, Luiz Costa Pereira (org.) *A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano*. São Paulo- SP: Senac, 2002.

LORÊDO, João. *Era uma vez... a televisão*. São Paulo: Editora Alegro, 2000 .

MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

NETTO, Samuel Pfromm. *Telas que ensinam – Mídia e aprendizagem: do cinema ao computador*. Campinas: Editora Alínea, 2001.

PACHECO, Elza Dias (org.). *Televisão: Babá eletrônica?* Campinas: Papyrus, 1998.

POCINHO, Margarida Dias. *A música na relação mãe-bebê*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

RAPPAPORT, Clara Regina (org.). *Psicologia do Desenvolvimento – Volume 1: Teorias do desenvolvimento- conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, 1981.

Psicologia do Desenvolvimento – Volume 3: A idade pré-escolar. São Paulo: EPU, 1981.

SARTORI, Giovanni. *Homo Videns: Televisão e pós-pensamento*. Bauru: EDUSC, 2001.

TÁVOLA, Artur. *A liberdade de ver: Televisão em leitura crítica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Sites:

www.tvebrasil.com.br

Acesso às 19h de 21/03/05.

BELLODI, Patrícia Lacerda. *O desenvolvimento humano ao longo da vida*

http://www.plenamente.com.br/desenvolvimento_humano.htm#1

Acesso às 14h, dia 26/05/05.

10- Anexos

Anexo 1: Programas atuais de grande sucesso com crianças de 0 a 4 anos

CAILLOU APRENDENDO A CADA DIA

(http://www.tvcultura.com.br/aloescola/infantis/caillou/caillou_dicas.htm)

Encantador, curioso, alegre... Assim é Caillou, personagem-título desta série canadense em desenho animado exibida com sucesso em mais de 75 países e, no Brasil, com exclusividade pela TV Cultura.

Criado para crianças em idade pré-escolar, os episódios da série acompanham Caillou dos 18 meses aos 4 anos, retratando problemas normais do crescimento, como pesadelos, o primeiro dia da creche, novos amigos, entre outros.

Nosso herói lida com esses problemas infantis de maneira bem peculiar, utilizando-se de lógica de bebê, imaginação e muito senso de humor. Caillou é um menino é muito curioso e quer saber tudo. Ele vive as emoções de ser um garotinho num mundo repleto de novidades. Suas aventuras vão desde explorar o jardim de sua casa até seu primeiro passeio de avião.

Informações para pais e educadores

A série de desenhos Caillou aborda crianças brincando e descobrindo o mundo através de pequenas histórias de aproximadamente 5 minutos. Os temas sugerem questões que podem parecer simples para um adulto mas que têm grande importância na vida das crianças.

Público alvo: crianças de 2 a 6 anos.

Como Caillou pode estimular o aprendizado?

Caillou é para fazer novos amigos

Caillou sabe que amigos são importantes e que, para se ter boas amizades, é preciso respeitar a opinião e o modo de ser de seus companheiros.

Caillou é para fazer descobertas

Todas as crianças têm milhares de perguntas sobre o mundo e estão sempre fazendo descobertas. Com Caillou, as crianças de 2 e 3 anos podem observar as experiências que estão por vir, enquanto as de 5 e 6 anos podem apreciar o momento que estão vivendo.



Caillou é para rir, divertir e aprender

Crianças adoram rir e Caillou não é uma exceção! Ele sabe que a vida não é sempre fácil e mostra às crianças que, quando se sabe agir, até as coisas mais difíceis podem ser realizadas.

Os temas

Os temas enfocados em Caillou incluem: o início da convivência e do comportamento social, o fato de estar sozinho, emoções complexas (tristeza, empatia, raiva, ansiedade, medo, etc.), crescimento, o corpo humano, língua, gênero, a família, cuidar de animais de estimação, fazer e manter amigos, o mundo externo, ocasiões especiais, feriados, e as estações do ano. Os assuntos são abordados de maneira direta e sem complicação. Estas são coisas que as crianças em idade pré-escolar descobrem, aprendem, fazem ou tentam fazer todos os dias. Como as experiências de Caillou são típicas de uma criança de pouca idade, os espectadores podem facilmente se identificar com ele. Sendo assim, à medida que Caillou descobre o seu mundo ele estimula as crianças a descobrir os delas.

A importância das histórias no aprendizado das crianças

Histórias são muito importantes para o desenvolvimento das crianças pois dão aos jovens uma oportunidade de projetar seus pensamentos e sentimentos em personagens. Além disso, permitem que as crianças explorem dúvidas e questionamentos para chegarem a um entendimento.

Os desenhos do Caillou têm como base situações que fazem parte do dia-a-dia da criança. A série irá mostrar que uma **visita ao médico** não é necessariamente tão assustadora; que o **primeiro dia na creche** pode ser agradável; e que **brincar sozinho** pode ser muito divertido.



Cada história irá ilustrar brevemente aspectos do desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Os adultos s podem aprender muito sobre o comportamento delas assistindo à série Caillou.

Caillou: Diversão e aprendizagem para toda a família

Procure extrair da série o máximo de diversão e aprendizagem. E não esqueça: todos da família e os amigos podem assistir juntos aos programas.

Antes de Caillou ir ao ar:

Acompanhe em nossa programação semanal o resumo dos episódios para se familiarizar com a história. Converse com as crianças sobre o que elas irão ver e aconselhe que elas prestem atenção nas músicas. Estimular a imaginação delas pode trazer ótimos resultados.

Durante o episódio do Caillou:

Observe a reação das crianças. Quando elas riem? A que elas estão reagindo?



Depois que Caillou terminar:

Peça às crianças que descrevam suas partes favoritas. Converse com elas sobre os temas abordados. Ajude as crianças a escolherem livros ou jogos que tenham relação com os assuntos vistos.

TELETUBBIES

(<http://fpa.tvcultura.com.br/teletubbies>)

Teletubbies é um programa dedicado às crianças em idade pré-escolar. O território dos Teletubbies é o cenário construído para a realização dos programas de TV, onde eles brincam alegremente.

Tinky Winky, Dipsy, Laa-Laa e Po são quatro bebês com características tecnológicas, que se gostam muito e convivem felizes no seu próprio mundo de fantasia infantil. Um Sol com cara de bebê sorri para uma paisagem de colinas, flores que falam e coelhos. Cornetas trazem para os Teletubbies agradáveis trechos sonoros do mundo real: dizem nomes de coisas, números e sugerem canções.



Os Teletubbies moram numa casa especial chamada Superdomo Tubbytrônico, numa das colinas. Eles vivem entre as colinas e se divertem com uma aparelhagem tecnológica engraçada que supre as necessidades deles. Essa aparelhagem é composta por uma tubby-torradeira, uma máquina de fazer creme e um divertido e eficiente aspirador de pó - o Noo-Noo.

O som de um enorme cata-vento mágico é o sinal para mudanças repentinas na Terra dos Teletubbies, como a troca de canal em um aparelho de televisão.

Os Teletubbies trazem uma energia nova a programas de televisão para crianças. Eles dançam, cantam e dão barrigadas - os Teletubbies se divertem muito.



Os Teletubbies foram criados especificamente para crianças a partir de um ano de idade e a série teve sua origem no fato que a maioria das crianças, hoje em dia, cresce cercada de aparelhos tecnológicos que falam com elas.

Os programas estimulam as crianças a ir construindo seu conhecimento de mundo, a se envolver em diversão simples e a aumentar sua autoconfiança.



Os próprios Teletubbies se tornam telas de TV quando suas barrigas se acendem e exibem cenas de crianças felizes do mundo real, porque, além de gostarem um dos outros, também gostam muito de todas as crianças.

Como os Teletubbies estimulam crianças pequenas (a partir de um ano)

1- Apresentam palavras e frases dessas crianças. Resultado: as crianças telespectadoras se sentirão confiantes ao se juntar a eles.



2- Ampliam os conhecimentos: os Teletubbies oferecem às crianças um mundo de surpresas. Elas podem ampliar o seu conhecimento de mundo graças à sua curiosidade sobre o meio ambiente dos Teletubbies.

3 - Estimulam a escuta: como os Teletubbies são muito atentos aos sons, as crianças são estimuladas a imitá-los. Elas são incentivadas tanto pelo narrador como pelo som da corneta ou pela música.



4 - Ensinam pela repetição: os movimentos e as imagens são repetidos em toda série. Assim é dado tempo às crianças para que elas façam

previsões - o que é importante para o seu desenvolvimento intelectual.

5 - Estimulam o **comportamento afetivo**: os Teletubbies incentivam o amor e os cuidados mútuos. As crianças podem se divertir com os Teletubbies, enquanto descobrem quem eles são e como se desenvolvem as relações entre eles.

6 - Aumentam a **confiança**: o programa tem muitas brincadeiras infantis que fazem as crianças rirem. É um fator importante para o adequado desenvolvimento emocional e social. Rir ajuda a criança a descontrair e ser confiante.



7 - Facilitam a **inclusão**: as crianças se envolvem mais com os programas em que elas podem se reconhecer pela identificação com os personagens e por causa das situações criadas. As inserções de cenas com crianças reais permitem que os espectadores se identifiquem com elas.



8 - Contribuem para a **auto-estima**: os Teletubbies apresentam um mundo no qual as crianças se sentem bem e satisfeitas com elas mesmas, quando conseguem realizar atividades.

9 - Estimulam **movimentos**: os Teletubbies ajudam a criança a criar a consciência dos movimentos corporais e incentivam a participação ativa em brincadeiras.

10 - Estimulam a **individualidade**: os Teletubbies, geralmente, compartilham todas as brincadeiras e, às vezes, se separam e brincam sozinhos. Assim, estimula-se a criança a aceitar as diferenças de interesses e a realizar atividades individuais.



Personagens:

Tinky Winky - o maior e mais gentil dos Teletubbies. Seu objeto favorito é a sua bolsa, que ele leva quando vai passear. Geralmente, canta sua canção "Tinky Winky" e adora dançar. O Tinky Winky gosta de todos os Teletubbies, mas é mais amigo de Po, a menorzinha.

Dipsy - o segundo Teletubby em altura e é conhecido pelos seus passos e modo especial de dizer "Oiiii!". Ele adora o seu chapéu e canta uma canção em ritmo de reggae. Quando se sente muito bem, ele sai sozinho para dar uma volta usando seu chapéu e cantando sua música.



Laa-Laa - um pouco menor que Dipsy. É a mais alegre e risonha da turma. Ela também adora cantar e dançar. Laa-Laa adora o jeito como sua bola pula, aumenta e diminui. Ela sempre quer saber onde os Teletubbies estão e também tem sua canção especial: a música La-La-La-La-La.



Po - a menor Teletubby, que sempre pula para expressar alegria, entusiasmo e surpresa. Quase sempre está rodando com sua patinete entre as colinas falando: "rápido, rápido, rápido" ou "devagar, devagar, devagar" ao dirigir. Po passa muito tempo sozinha. Além de dirigir sua patinete, Po gosta de vigiar os controles e mudanças do painel da coluna central dentro da casa dos Teletubbies.



O Sol - feito em computação gráfica, sorri para a Terra dos Teletubbies na paisagem de colinas, coelhos e flores falantes. O Sol tem a cara de um bebê de verdade, que reage

aos acontecimentos na Terra dos Teletubbies e acha os próprios Teletubbies muito divertidos.

O Cata-Vento - o som do Cata-Vento é sinal para mudanças mágicas na Terra dos Teletubbies.

O som das cornetas As cornetas trazem aos Teletubbies fragmentos sonoros do mundo real e também falam nomes de objetos, enumeram as coisas e cantam canções.

O Leão e o Urso - são a sensação na Terra dos Teletubbies. Eles são grandes figuras (como alguns brinquedos) e estão sempre envolvidos em um jogo de esconde-esconde. O Urso sempre provoca o Leão, que se acha muito assustador. Os Teletubbies se escondem por perto de uma colina e assistem às brincadeiras. Eles ficam fascinados, se divertem, mas nunca ficam com medo.

Noo-Noo - um aspirador de pó muito amigo, engraçado e eficiente, é tratado como um animal de estimação pelos Teletubbies. Ele sempre é caçado pelos Teletubbies depois de haver aspirado objetos prediletos deles.

Teletubbies - Adaptação de material de divulgação original das produtoras Ragdoll Productions e The itsy bitsy Entertainment Company

Anexo 2- Estudos sobre dois programas infantis de sucesso

Paz e o Dinossauro Barney - O Didatismo em Programas Infantis do Discovery Kids

(<http://www.espacoacademico.com.br/042/42cmassalli.htm>)

2.1. Escrever para crianças

Escrever literatura infantil não é fácil. São obras feitas para crianças, mas escritas por adultos, que se vêem presos em limitações de linguagem, temas e até perspectiva. Dentro delas os autores ficam em uma encruzilhada, em que uma estrada leva à casa da Vovó, chamada literatura libertária e a outra até o lar do Lobo, o didatismo. “O escritor, invariavelmente um adulto, transmite a seu leitor um projeto para a realidade histórica, buscando a adesão afetiva e/ou intelectual daquele”. (Lajolo, Zilberman, 1984:19)

O didatismo na literatura infantil não é um fenômeno recente. As histórias eram contadas às crianças com o intuito de ensinar e educar com intenções doutrinárias, didáticas, religiosas e ideológicas. Da moral das fábulas gregas clássicas de Fedro e Esopo às lições dos contos de Charles Perrault no século XVII, o objetivo era que qualquer prazer que uma criança conseguisse extrair da leitura fosse ligado a alguma forma de aprendizado. A própria idéia de infância não podia se separar da idéia de educação (Machado, 1999). Uma tendência que permanece viva e viril, apesar dos estudos acadêmicos e discussões sobre a literatura infantil e sua importância na formação do leitor, da pessoa e do próprio ser humano.

Ao lado do didatismo de uma literatura pretensamente exemplar, onde a função literária pretendida é apenas o de ensinar e controlar, existem obras e autores que vêem a criança como um ser em formação, onde os personagens não se prendem, não se limitam ao ideal de criança imaginado pelo adulto, mas aos desejos de aventuras, liberdade e imaginação das próprias crianças. A ficção não perde seus vínculos com o real em troca de um mundo ideal em uma literatura escapista ou submetido a motivações didáticas.

Para Antonio Candido (1972) todo ser humano possui uma necessidade universal de ficção e de fantasia. Quando a criança ouve uma história, lê um livro de literatura ou assiste a um desenho animado ela está atendendo a esta necessidade. Mas, a fantasia não é pura, ela se refere a realidades, como sentimentos, paisagens, costumes e sociedades. “Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente” (Candido, 1972:805).

Entretanto, o próprio Candido destaca que a literatura pode realmente ter uma função educativa, mas não para reforçar concepções de Verdadeiro, Bom e Belo veiculados por uma sociedade dominante e pela pedagogia oficial, objetivo dos autores dos livros que padecem do didatismo. A literatura deve educar, deve formar, mas de maneira mais próxima à própria vida, com altos e baixos, demônios e anjos, morte e vida, o belo e o feio, o bom e o mau, ambigüidades que suscitam o crescimento e a formação do leitor e do ser humano.

Candido, em *A Literatura e a Formação do Homem* (1972), destaca a importância da ficção e da fantasia para a formação do ser humano, mas não coloca a literatura como suas fontes exclusivas. Talvez pela palavra ser a base dos meios de comunicação e o homem sentir uma necessidade primordial de ficção e fantasia, os programas infantis e desenhos animados também representam, como o cinema, uma fonte para se matar esta sede. Mas, assim como na literatura infantil, existem características diferentes entre as produções destinadas às crianças nestes meios.

Para o presente artigo foram selecionados dois objetos de estudo destinados a crianças com menos de cinco anos, ambos exibidos no Discovery Kids. O desenho Paz e o programa Barney e seus Amigos. O canal pago Discovery Kids tem uma preocupação clara em ensinar a criança, inclusive nas propagandas, onde exhibe animações que incentivam a identificação de números, cores e letras e mostra em que os novos desenhos e programas ajudarão no desenvolvimento da criança.

2.2 As aventuras de um pingüim

Regina Zilberman (1982) afirma que nas histórias centralizadas na criança o leitor infantil se vê representado no texto e a literatura infantil assimilou isto, aproveitando o universo da criança ou de heróis, em especial animais, que simbolizam esta condição. É o que acontece com o desenho Paz. Baseado na obra da escritora Mary Murphy, cada episódio possui quatro pequenas histórias, identificadas com seu autor específico, como Sasha Paladino, José Cruz Gonzales e, principalmente, James Still.

O personagem principal do desenho é Paz, um filhote de pingüim que vive com sua mãe em um iglu de gelo com um jardim de neve em meio a uma terra com verdes gramados, rios frescos, sol quente e árvores frondosas. Seus principais amigos são Cachorro, Porquinho, Coelha e o Vovô, avô de Paz.

Os personagens infantis aparentam realmente serem crianças. Fazem brincadeiras, brigam e discutem entre si, mentem, se arrependem, fazem as pazes, usam a imaginação. Dos adultos do desenho, Mamãe não interfere diretamente nas brincadeiras, serve de conselheiro ou para solucionar problemas e esclarecer dúvidas, sempre surgidas de questionamentos espontâneos, mas não muito comuns, de Paz. Já o Vovô é mais para um parceiro de brincadeiras e aventuras, valorizando a experiência e histórias do idoso,

embora ocasionalmente também assuma o papel de conselheiro, como Dona Benta e Nhá Nastácia de Monteiro Lobato, interagindo com a brincadeira, mas não a controlando e nem repreendendo a criança.

As crianças representadas no desenho criam seus problemas e resolvem-nos sozinhos. A imaginação é um fator importante, sem amarras e sem controles de nenhuma figura adulta. Através da imaginação as quatro crianças, representadas por animais, navegam em navios piratas, voam pelo espaço e viajam pelo mundo. Suas aventuras não tem limitação alguma, sem perder a relação com a realidade vivida pelos personagens.

No episódio *As Coisas Mundam*, por exemplo, o desenho discute a morte e as reações que ela causa nas pessoas. Uma manhã Paz está brincando com seus amigos em cima de uma árvore. Imaginam serem dezenas de coisas e dizem suas descobertas uns aos outros. Neste momento descobrem um ninho de pássaro com três filhotes. Tentam se aproximar e são atacados pela mãe pássaro que tenta proteger sua cria. Mesmo com o ataque todos ficam maravilhados com o ninho.

Mais tarde começa a chover e Paz lamenta. Havia combinado pescar com seu avô. Sua mãe responde que podem ir no dia seguinte. De fato o dia seguinte amanhece ensolarado e Paz parte para a pescaria com Vovô. Chapéu característico, vara de pescar nas costas, lá partem os dois para o rio. No meio do caminho Paz encontra a mãe pássaro e dois de seus filhotes. O ninho está no chão, derrubado pela tempestade. Vovô ergue o ninho e encontra o terceiro passarinho. Morto.

Paz pergunta se ele vai ficar bem. Vovô responde que acha que não, pois está morto. Mas parece que está dormindo, replica Paz. Mas está morto, responde o avô e Paz pergunta o que é a morte.

- O corpo dele parou de funcionar. (Vovô)
- Porque aconteceu? (Paz)
- Coisas acontecem Paz, coisas felizes e tristes.
- Coisas triste.

Os dois constroem um novo ninho para o pássaro. Vovô diz que provavelmente a mãe pássaro gostaria de levar o ninho na árvore ela mesma e deixam o ninho ali, no chão, ao lado dos três pássaros.

- Não quero mais pescar. (Vovô)
- Eu também (Paz)
- Não fique triste. Estas coisas acontecem. (Vovô)

Depois, já em casa, Paz fica muito triste e preocupado com os outros passarinhos e é consolado por sua mãe. Ao perguntar se eles estão bem, ela responde que eles estão acostumados a viverem no mato. No final do episódio três pássaros, um adulto e dois

mais jovens e menores, voam por cima da casa de Paz, pousando no teto e cantando até o encerramento da história.

2.3 As crianças certinhas do Dinossauro

A liberdade e a iniciativa de Paz não se repete em Barney. O programa, onde um adulto fantasiado de dinossauro cor de rosa contracenava com crianças, não tem autoria explícita. Todos os episódios se passam em um parque com uma casa onde as crianças vão brincar, embora saiam deste universo ocasionalmente através da imaginação em histórias ou músicas cantadas por Barney.

As crianças sempre começam brincando sozinhas até chamarem Barney, um amigo imaginário com quem todos, adultos e crianças, interagem e conversam como se fosse real. O realismo do suposto personagem imaginário é tão grande no programa que os adultos que participam da série, como o Senhor Boykins, zelador do parque, sabem detalhes do passado da vida do dinossauro, como o fato dele tocar tuba muito bem, e comenta isso com Barney como se fossem velhos amigos.

As crianças de Barney estão sempre limpas, são bem comportadas e obedientes, nunca brigam ou discutem entre si. Na maioria das vezes estão rindo e brincando. Chegam a limpar e lavar a casa do parque, inclusive as janelas, como uma brincadeira sugerida por Barney e guardam seus brinquedos sem reclamar. As brincadeiras são sempre sugeridas, comandadas e escolhidas (mesmo indiretamente quando uma criança sugere e espera a aprovação do dinossauro antes de iniciar a brincadeira) por Barney, assim como as canções, que ocupam a maior parte de cada episódio, que consiste em uma única trama.

Politicamente correto, o grupo de crianças sempre tem pelo menos um representante de minorias, como uma menina negra ou asiática ou um menino de óculos que, claro, gosta muito de ler, hábito comumente elogiado e incentivado por Barney e pelas crianças.

Travessuras e espontaneidade existem apenas em dois outros dinossauros, estes crianças pelo tamanho que têm em relação à Barney e pelo comportamento. Baby Pop é a menor e a mais espontânea e natural. BJ é o irmão mais velho, também espontâneo, aventureiro, ansioso por experimentar coisas novas, sem precisar dos conselhos ou aprovação dos outros, mas extremamente responsável com sua irmã. Ele erra, se arrepende e aprende com seus erros, ao contrário das crianças da série, que sempre necessitam da permissão, autorização ou sugestão de Barney para qualquer atividade ou brincadeira. Por esta espontaneidade tanto BJ quanto Baby Pop recebem sempre reprimendas e broncas suaves tanto de Barney quanto das outras crianças.

Barney, mesmo sendo imaginário, representa a presença do repressora do adulto dentro das brincadeiras das crianças. O amigo imaginário é alguém com tamanho de adulto, que sabe de tudo e que diz às crianças como e do que devem brincar e não um amigo infantil

com quem compartilham segredos e brincadeiras. Induz, orienta e explica sobre tudo. O maior objetivo do programa é ensinar e todos os episódios têm um tema específico desta pedagogia. E a narrativa é construída em cima deste tema, sem que, na maioria das vezes, ocorra um climax ou um desequilíbrio narrativo dentro da intriga em que uma situação ideal é conquistada ou perdida. Os temas abordam assuntos como o que é um triângulo, as cores e números. Todas as brincadeiras, canções tem algum objetivo definido. Até mesmo a imaginação das crianças é controlada e utilizada, depois da orientação e sugestão de Barney, dentro do objetivo específico do programa.

A própria música abertura do programa demonstra esta intenção didática do programa em alguns trechos. “Barney é o dinossauro da nossa imaginação. (...) O que ele ensina é pura diversão. (...) Barney nos ensina muitos jogos divertidos, o A, B, C, o 1,2,3, também são seus amigos”. A intenção de aliar o ensino à diversão e ao prazer fica exposto logo na abertura do programa. Aprender (ou seja a escola) pode ser seu amigo e o que se ensina é uma diversão. A espontaneidade, o descobrir o mundo, o crescer pelos seus erros não fazem parte do mundo de Barney e seus Amigos.

Por FÁBIO MASSALLI

Jornalista e mestrando em Letras – Universidade Estadual de Maringá



3- Os programas infanto-juvenis que marcaram a história da televisão brasileira

O primeiro grande sucesso entre os programas infanto-juvenis da televisão brasileira foi o Teatrinho Trol, transmitido pela TV Tupi de 1956 a 1966. O programa era composto de encenações de peças do teatro infantil adaptadas para a TV. No início, os programas era apresentados ao vivo, depois com o surgimento do vídeo-taípe já era possível ser gravado com antecedência. O programa durava uma hora e era transmitido todo o domingo, marcando a primeira geração de telespectadores do Brasil.

Capitão Furacão foi outro que marcou história. Transmitido todas as tardes ao vivo pela TV Globo, o programa foi inaugurado em abril de 1965, no mesmo dia em que a rede foi ao ar pela primeira vez, e permaneceu por cinco anos. “O cenário era uma cabine de navio com um timão onde ficavam dois apresentadores vestidos como capitães e cercados por crianças” (Fiuza, 2003: pág. 707).

Só em 1972 surge o *Vila Sésamo* um dos maiores sucessos da história da programação infanto-juvenil da TV brasileira. Baseado numa produção norte-americana, no Brasil o programa teve co-produção da Rede Globo com a TV Cultura. Só a partir de 1974 que a Rede Globo assumiu sozinha a transmissão do programa que permaneceu até 1977.

Destinado a crianças de três a cinco anos, “*Vila Sésamo* tinha um cenário que representava uma vila, onde crianças conviviam com adultos e bonecos. O programa era apresentado em pequenos esquetes com duração máxima de três minutos” (Fiúza, 2003: pág. 710). Nos últimos anos do programa os produtores buscaram adaptar o texto ao ambiente brasileiro e a esclarecer noções de higiene, comportamento no trânsito e alfabetização.

Mas o grande sucesso da história da programação infantil no Brasil ocorreu em 1977 com o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. A primeira versão do programa foi feita 10 anos antes pela TV Tupi de São Paulo, sendo levada posteriormente para a TV Tupi do Rio. “Mas a grande montagem do Sítio viria a ser feita em 1977, pela TV Globo, sob o comando de Geraldo Casé numa verdadeira superprodução” (Lorêdo, 2000: pág. 240).

Dirigido fundamentalmente à criança, o programa unia entretenimento a um conteúdo de informação e instrução, sem precisar adotar uma linguagem

pedagógica. A primeira versão do Sítio ficou no ar até 1986 mas retornou numa segunda versão em 2001, também pela Rede Globo. Em 1979, a Unesco elegeu o *Sítio do Pica-pau Amarelo* como um dos melhores programas infantis do mundo.

Em junho de 1986 surge um dos maiores sucessos entre programas infantis de auditório de todo o mundo: o *Xou da Xuxa*. O programa ia ao ar de segunda a sábado, sempre pela manhã. Conduzido pela apresentadora Xuxa Meneghel o show intercalava blocos de brincadeiras com as crianças do auditório com desenhos animados, entre eles He-Man, Scooby Doo, Os Flistones e Caverna do Dragão. Ficaram muito conhecidos entre as crianças dessa geração personagens que ajudavam o programa, como o Dengue, o Praga e as Paquitas. O *Xou da Xuxa* ficou no ar até dezembro de 1992.

